**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL
LINHA DE PESQUISA: TOPONÍMIA**

**SÃO JOÃO BATISTA DO GLÓRIA:
ESTUDO DOS TOPÔNIMOS DAS REGIÕES, MICRORREGIÕES E DA
ZONA RURAL**

DIVENIA MARIA LOPES

Dissertação apresentada ao Departamento de
Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção do título
de Mestre em Semiótica e Lingüística Geral.

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA
VICENTINA DE PAULA DO AMARAL
DICK**

São Paulo – SP

Julho/2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL
LINHA DE PESQUISA: TOPONÍMIA

São Paulo, _____, de _____ de 2008.

BANCA EXAMINADORA

A meu filho Gustavo, pelo carinho, compreensão
de minhas ausências e apoio tecnológico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, por ter me dado sabedoria e capacidade, sem as quais seria impossível a elaboração deste trabalho.

Deixo aqui minha profunda gratidão a todos os que, de uma maneira ou de outra, durante esses dois anos e meio, estiveram envolvidos com esta dissertação:

meu filho Gustavo, pelo carinho, apoio e suporte tecnológico na digitação e durante a pesquisa de campo;

meus irmãos em Cristo, pelo sustento espiritual: Wladimir, Lili, Marinho, Angélica, Maurício, Nivalci, Edson, Eliana, Richard, Renata, Ivan, Jeane, Cleber, Tatiana, Tiago Lima, Michele, Carlos, Tina, André, Cleide, Neuza, Waldemar, Andrezinho, Deninha, Daniel Marques, Itamar, Ana Cláudia, Thiago Abud, Thiago Roque, Eudes, Neilton, Felipe, Thaís, Daniel Pimenta, Thammy, Sara, Cal, Lucas, Vitor, Elífas, Kaliane, e outros que porventura deixei de mencionar aqui, que me perdoem, e, especialmente, as crianças Gabi, Mariana, Eliel, Rafaela, Enzo, Eduarda e João Pedro, que, no convívio quase diário, me ensinaram a ver o mundo com mais amor e pureza;

a Profa. Dra. Maria Vicentina, pela dedicação com que orientou meus estudos;

as colegas, Alessandra, Adelize e Gisela, pelo apoio e troca de experiências;

a jovem doutora em biologia, Michele Junqueira de Lima, que nos momentos de abatimento, mostrou-me que era possível alcançar os resultados esperados.

Agradeço ainda aos estudiosos que colaboraram com a pesquisa, como o engenheiro Waldir Barbosa, autor do mapa oficial do município; Zoroastro de Simone, que possibilitou meu acesso ao acervo documental do Cartório de Registro de São João Batista do Glória e prestou informações valiosíssimas, devido ao amor que tem pela cidade; o sr. Tonyan Kallihabby, cujos estudos sobre as pinturas rupestres serviram de inspiração inicial para o trabalho, e o Prof. Antonio Grilo, que muito gentilmente prestou grandes esclarecimentos sobre a pesquisa histórica da cidade.

Agradeço também aos amigos e parentes da cidade de São João Batista do Glória que sempre me receberam com carinho e com a típica hospitalidade mineira, colaborando com presteza e visível satisfação, fornecendo informações importantes que enriqueceram a pesquisa tornando-a mais dinâmica e concreta.

Àqueles que serviram de informantes, em especial a sra. Zilda Israel Garcia que prestou informações preciosíssimas, mas que, infelizmente, faleceu em março de 2008, antes de ver nosso trabalho concluído.

À minha amiga e irmã Lili, pelo apoio e a presença no exame de qualificação, cujas observações foram muito importantes para a reformulação do trabalho.

Aos amigos e irmãos, Ana Cláudia e Wladimir Pereira, pela ajuda na elaboração do abstract.

Muitas outras pessoas ainda tenho a agradecer, mas para não deixar a leitura cansativa, agradeço minha mãe, meu pai (cuja memória tem muito a ver com a pesquisa), meus irmãos Ozanan, Ozanir, Ozair e Odair, que, embora não tenham participado ativamente do trabalho, fazem parte da minha história de vida.

SÃO JOÃO BATISTA DO GLÓRIA: ESTUDO DOS TOPÔNIMOS DAS REGIÕES, MICRORREGIÕES E DA ZONA RURAL

RESUMO

Nesta dissertação propomo-nos a fazer o levantamento toponímico das denominações da zona rural do município de São João Batista do Glória/MG, resgatando sua história social e a memória oral contida na toponímia da localidade. A pesquisa inicial foi realizada através do Mapa Rodoviário Municipal, elaborado em dezembro de 1999, em escala 1:50.000, que apresenta a zona rural do município de maneira bem detalhada, configurada por nove regiões e trinta e uma microrregiões, no qual identificamos 177 topônimos que representam, além das próprias regiões e microrregiões, as denominações da bacia hidrográfica, com seu rio, córregos, ribeirões e cachoeiras, além das serras e outros acidentes físicos e humanos, como as pontes e pousadas. Para completar o levantamento, fizemos pesquisa bibliográfica e de campo, onde procuramos investigar a motivação toponímica a partir da evolução histórico-social e de dados culturais que marcam a toponímia da região desde o século XVIII. Analisamos documentação cartográfica, documentos pessoais e do acervo cartorial. As informações obtidas em entrevistas realizadas com informantes, previamente selecionados, reforçaram a tradição oral como fonte preciosa para o resgate histórico e análise do comportamento lingüístico-toponímico do homem local. O presente trabalho está inserido no ATB – Atlas Toponímico do Brasil – Diversidade e Variedades Regionais (Dick, 1996)

Palavras-chave: Toponímia: memória, tradição oral, resgate histórico-social e lingüístico

SÃO JOÃO BATISTA DO GLÓRIA: STUDY OF REGIONS, MICRO REGIONS AND RURAL AREA TOPONYMIES

ABSTRACT

In this dissertation we indented to do a toponymical survey of rural area denominations of São João Batista do Glória city, MG, recovering its social history and oral memory contained in the locality toponymy. The initial research was done via municipal road map dated December 1999 using the scale 1:50.000 that shows the county in detail, composed by nine regions and thirty one micro regions, in which we identified 177 toponymies that represent, besides the own regions and micro regions, the denominations of the hydro basin, with its rivers, streams, brooks and waterfalls as well as hills and other physical irregurities and human modifications such as bridges and inns. To end up the survey, we have researched literature and conducted a field research as well in order to investigate the topomycal motivation of the social-historical evolution and of cultural data that mark the region topomyny since the 18th century. We analyzed cartographical documentation, personal documents and ones from cartorial acquis. The obtained information from interview held with speakers previously selected strengthened the oral tradition as precious source for historical recovery and analysis of toponymic-language behaviour of local people. This work is inserted in the ATB – Atlas toponímico do Brasil - Diversidade e Variedades Regionais (Dick, 1996) (Brazil toponymic atlas – Regional Diversities and Varierities)

Key-words: Toponymy: memorial, oral tradition, social, historical and language recovery

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Limites do município	43
Figura 2 – Localização e vias de acesso	44
Figura 3 – Os paredões	45
Figura 4 – Inscrições rupestres	46
Figura 5 – Inscrições rupestres	46
Figura 6 – Montanhas e cachoeiras	53
Figura 7 - Paisagem	55
Figura 8 – Serra do Quilombo e Cachoeira da Vitória	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Grupo de informantes	30
Quadro 2 – Corpus selecionado	32
Quadro 3 – Classificação dos topônimos	67
Quadro 4 – Quadro resumo dos topônimos	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Taxionomias de natureza física	75
Gráfico 2 – Taxionomias de natureza humana	76

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	vi
ABSTRACT	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE QUADROS	viii
LISTA DE GRÁFICOS	ix
SUMÁRIO	x
 INTRODUÇÃO	 12
Justificativa da pesquisa / Interesse do tema	15
Objetivos	18
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 Toponímia – ciência lingüística	21
1.2 O signo lingüístico – o signo toponímico	24
1.3 A taxionomia toponímica	25
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	27
2.1 Estabelecimento do corpus	29
2.2 Levantamento do corpus	32
CAPÍTULO 3 - O MUNICÍPIO E SUAS ORIGENS – LEVANTAMENTO	
HISTORIOGRÁFICO	39
3.1. As diversas origens	41
3.2 Aspectos geográficos - Limites	43
3.2.1 Localização	44
3.2.2 Aspectos topográficos	45
3.3 O Letreiro	46
3.4 Aldeias indígenas e quilombos	49
3.5 A destruição dos quilombos	51

3.6	Cidade das Cachoeiras - Entre o rio e a serra	53
3.7	Riquezas naturais – entre o verde e o azul	55
3.8	O meio ambiente – consciência, preservação e sustentabilidade.....	57
	CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO DO CORPUS	58
4.1	Os bairros rurais – regiões e microrregiões.....	58
4.2	As pontes – homenagens oficializadas.....	62
4.3	Preservação da história pelos topônimos.....	64
4.4	A classificação toponímica	66
4.4.1	Ficha lexicográfico-toponímica	66
4.4.2	Quadro classificatório dos topônimos	67
4.4.3	Quadro resumo dos topônimos	74
	CAPÍTULO 5 - CONCLUSÃO	77
6	BIBLIOGRAFIA	81
7	ANEXOS	85
7.1	Levantamento inicial do corpus	86
7.2	Roteiro de questionário historiográfico para entrevistas	89
7.3	Sínteses de entrevistas	90
7.4	Levantamento toponímico – modelo e fichas lexicográficas dos nomes das regiões e microrregiões e córrego Lavapés.....	96
7.5	Lei Municipal nº 1000, de 01/06/2000	130
7.6	Mapa Rodoviário do Município	135
7.7	Glossário	137

INTRODUÇÃO

O município de São João Batista do Glória, localizado no sudoeste de Minas Gerais, pelo qual tenho um apreço muito especial pois foi onde nasci, é uma pequena cidade com cerca de 7.000 habitantes, “encravado” nas encostas do lado sul, do complexo de montanhas que formam a Serra da Canastra. De lá, desde pequena, sempre ouvi as pessoas dizerem: “é um paraíso, é uma verdadeira ilha de descanso...”

“Paraíso ou ilha de descanso”, idéia favorecida pela localização geográfica (entre um grande rio e altas montanhas), o município foi, de certa maneira, “preservado” não só na sua estrutura social e manifestações culturais, como também de estudos acadêmicos mais profundos.

Na área da Toponímia, não encontramos estudos relevantes, o que nos instigou a realizar a presente dissertação, dentro de modernas linhas de pesquisas, e de acordo com a proposta de trabalho da Prof^a. Dr^a. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick¹, uma das maiores (senão a maior) toponimistas brasileiras. Seguimos linhas de investigação científica que nos permitiram o resgate da memória histórico-social do município, onde os contextos histórico, geográfico, social e étnico estão expressos nos denominativos toponímicos e foram mantidos pela tradição oral durante longos anos.

Comparando-se a bibliografia existente sobre o município e a de outras regiões próximas, percebemos que ainda é escassa, embora recentemente alguns estudiosos² (historiadores, antropólogos profissionais e amadores, e cidadãos do próprio município), já tenham percebido a necessidade de se aprofundar nas pesquisas científicas, como forma de preservar o patrimônio cultural da região. Nos arquivos históricos, encontramos alguns estudos baseados em relatos de viajantes que citam a região como sendo passagem para bandeirantes, que saíam de São Paulo a caminho de Goiás, e tropeiros, que cruzavam os sertões buscando o interior do país. Isso, em meados do século XVIII, possibilitava o

¹ A Profa. Dra. Maria Vicentina coordena dois grandes projetos da toponímia brasileira: o ATB (Atlas Toponímico do Brasil) – Diversidade e Variedades Regionais e o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo).

² São profissionais de várias áreas, como o engenheiro Waldir Barbosa, o bacharel em direito Zoroastro de Simone, o historiador Prof. Antonio Grilo, o físico Tonyan Kallihabby, entre outros, cujas obras são citadas no corpo desse trabalho.

comércio entre paulistas e mineiros e favorecia a fixação, naquele território, de parte desses viajantes.

Quando nos referimos à escassez bibliográfica, queremos esclarecer que não estamos falando do momento presente. Estamos apenas lamentando que esses estudos não tenham sido realizados há mais tempo, dada a importância que os acontecimentos que deram origem à fundação de vários municípios da região ocorreram num contexto histórico importante: o movimento de configuração das três capitanias em evidência naquele momento da História do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas. Com a decadência da produção do ouro nas minas já estabelecidas na região das Gerais, essas capitanias organizavam movimentos que iriam atingir territórios nos confins tidos como limítrofes entre as capitanias de São Paulo e Minas, *os sertões*, à procura de ouro e diamantes em outras áreas como Goiás e a região da nascente do rio São Francisco. Os movimentos de entradas pelos sertões afora foram deixando as suas marcas e determinando a ocupação humana daquele território³.

Inicialmente, pensávamos fazer o levantamento da motivação toponímica apenas dos nomes das regiões e microrregiões, acrescentando as pontes, córregos e ribeirões, num total de 79 topônimos. No entanto, ao analisarmos o Mapa Rodoviário do Município⁴, encontramos uma diversidade e uma riqueza de denominativos que nos motivou a ampliar nosso levantamento para 177 topônimos, incluindo os nomes de importantes acidentes geográficos e outros acidentes humanos como pousadas, estâncias, etc. Excluímos apenas os nomes dos proprietários de terras, constantes do mesmo mapa, por não encontrarmos relação específica entre estes nomes e o estudo toponímico realizado.

Além da pesquisa bibliográfica, cartográfica e documental, realizamos 23 entrevistas com informantes previamente selecionados, de faixa etária diferenciada (um grupo de jovens e um grupo de mais idosos), que, além de confirmarem dados constantes de trabalhos anteriores, nos forneceram informações novas, que enriqueceram nossa pesquisa.

Estruturamos o trabalho em cinco capítulos: no primeiro, apresentamos os fundamentos teóricos que serviram de base para nossa pesquisa. Enfoque maior foi dado à

³Estudos recentes sobre essa questão estão sendo realizados pela Associação dos Historiadores dos Sertões do Jacuhy – grupo criado para desenvolver trabalhos específicos na região do sul/sudoeste de Minas, área delimitada como sendo “os sertões do Jacuhy”.

⁴ Mapa Rodoviário do Município – dez/1999 – Projeto Base IGA/CEMIG/EBGE, escala 1:50.000.

obra de DICK, tendo em vista sua contribuição definitiva para o fortalecimento da Toponímia brasileira, sendo dela a taxionomia utilizada no estudo do corpus selecionado.

No segundo capítulo apresentamos a metodologia utilizada justificando a escolha do tema: o estudo toponímico de um município de 7000 habitantes, com características muito específicas, intimamente ligadas à evolução histórica e social de um Brasil colônia e que ainda se mantêm vivas, na memória do povo e nas manifestações culturais da localidade.

O levantamento historiográfico, desenvolvido no terceiro capítulo, permitiu-nos conhecer um pouco mais da história do município, que remonta ao final do século XVIII e início do século XIX, cuja herança cultural chega aos dias de hoje, num misto de tradição e modernidade. Nesse ponto, acreditamos que o registro de muitas informações que ainda constam da memória dos habitantes locais foi uma forma de garantir que não sejam esquecidas.

No quarto capítulo, a análise do corpus selecionado, num total de 177 topônimos, de acordo com a taxionomia proposta por DICK, permitiu-nos concluir o estudo sobre a motivação toponímica de cada um dos denominativos da zona rural.

Finalmente, no quinto capítulo, apresentamos as conclusões gerais sobre o trabalho mostrando que, através das nossas pesquisas, foi possível contribuir cientificamente com o aprofundamento dos estudos históricos e geográficos, além de analisar o comportamento lingüístico-toponímico da população local. As informações obtidas, a partir do conhecimento e reconhecimento da motivação dos denominativos do lugar, nos permitiram conhecer aspectos de natureza física, social, étnica e cultural, importantes dentro desses contextos.

O presente trabalho está inserido no ATB – Atlas Toponímico do Brasil – Diversidade e Variedades Regionais (DICK, 1996)

JUSTIFICATIVA DA PESQUISA / INTERESSE PELO TEMA

“Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia”. (Gênesis 1:5). O ato de nomear é uma atividade tão antiga que se confunde com a própria origem da humanidade. Segundo a Bíblia, Deus deu nome a tudo que ia criando e, às demais coisas, incumbiu o homem de fazê-lo (Gênesis 2:19).

Sem querer dar à questão nenhuma conotação religiosa, sabemos que o ato de nomear pessoas, coisas e lugares é uma atividade que remonta aos primórdios da civilização, tão antiga quanto à própria linguagem.

Percebe-se que a palavra, desde o início, foi revestida de um sentido criativo, tornando-se instrumento de poder de quem a domina, traduzindo o pensamento das diferentes sociedades no decurso de sua história. Nas palavras de ISQUERDO e KIEGER, temos essa confirmação:

Na história das diferentes civilizações, a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social: valendo-se dela, o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura. (ISQUERDO, KRIEGER, 2004:p.11)

Uma das finalidades do ato nomeativo é suprir a necessidade do homem de orientação no espaço geográfico e de demarcação do próprio território. O denominativo, além de caracterizar o espaço habitado, determina o espaço demarcado como propriedade do grupo que primeiro o nomeou (DICK, 1990:p.235)

A Toponímia (subárea da Onomástica) estuda sistematicamente os designativos de lugar, levando em conta que o ato de nomear acidentes geográficos e humanos depende, na maioria das vezes, de aspectos extralingüísticos, buscando subsídios em outras áreas que possam oferecer suporte científico-metodológico para seus estudos como a História, Geografia, Antropologia, Sociologia.

Os aspectos lingüísticos foram amplamente considerados, porque, segundo Dick

é pela conjunção de várias condicionantes lingüísticas ou de diversos dialetos e falares presentes em um determinado território, que se estrutura o léxico regional, considerando não só as tendências normalizadoras da língua-padrão como presença de minorias étnicas ainda participativas ou, mesmo, como dado documental, porque já extintas. A Toponímia, principalmente serve-se dessas circunstâncias de base, equivalente ou próxima de um substrato vocabular, para aí deitar suas raízes, aproveitando-se do material lingüístico que mais se adéque à configuração dos conceitos que deve transmitir. (DICK, 1999:p.120-121).

A opção pelo estudo toponímico de um município de apenas 7.000 habitantes localizado no sudoeste de Minas Gerais, com características muito específicas, ocorreu-nos pela diversidade contextual que nos apresenta, onde encontramos especificidades intimamente ligadas ao regionalismo lingüístico.

Uma nomenclatura local, ou uma cadeia onomástica que interage com vários segmentos culturais, num aparato semiótico de relações e procedências diversas, constitui realmente, uma base de pesquisa lingüística altamente produtiva. (DICK, 1999:p.125).

O levantamento toponímico da região, considerando os dados históricos, sociais e culturais do lugar, onde essencialmente a tradição oral manteve viva a história do município, deve, com o devido registro, tornar a identidade grupal e a autenticidade dos traços culturais mais fortalecidos.

Valorizamos o nome como um verdadeiro marcador existencial, aquilo que confere ao lugar personalidade jurídico-administrativa capaz e pertinente. Mas um lugar ou uma cidade não é apenas isso. É também memória afetiva, responsável pelas raízes individuais e coletivas da população. (DICK, 2004:p.39)

Assim, o objeto de nosso estudo são os topônimos da região rural do município de São João Batista do Glória/MG, topônimos esses carregados de significados, o que torna um desafio difícil e instigante ao mesmo tempo, motivando-nos a investigar e compreender a forma como se procedeu a nomeação dos lugares, já que a cidade, embora não esteja muito longe das grandes metrópoles brasileiras, é desconhecida para boa parte da população, mas teve o início de sua história ainda no final do século XVIII e início do século XIX e apresenta traços culturais muito tradicionais.

Outro dado importante refere-se à qualidade de vida, superior àquilo que se espera das cidadezinhas do interior de Minas, normalmente pacatas e com pouca estrutura urbana. Isso se deve a sua localização privilegiada, geográfica e economicamente, próximo à represa de Furnas, onde o turismo e a produção agropecuária são bastante favorecidos.

Para a recuperação da memória oral, em que o trabalho de campo com o informante é de fundamental importância (DICK,1999:p.135), realizamos uma pesquisa de campo bastante consistente, facilitada pelo conhecimento que temos das características geográficas da região, do meio social e de sua cultura, o que não torna a obtenção dos dados, e a avaliação desses, menos confiáveis, dada a seriedade e a dedicação que empreendemos na coleta e registro das informações.

OBJETIVOS

Como objetivo principal, nossa pesquisa visa, primordialmente, investigar os fatores de natureza física e histórico-sociais que possam ter influenciado na denominação dos lugares, considerando-se os aspectos lingüísticos e culturais preservados pela toponímia da região.

Como objetivos específicos, estabelecemos:

- 1- Fazer o levantamento dos designativos da zona rural do município de São João Batista do Glória/MG, num total de 177 topônimos conhecidos e outros que pudermos levantar.
- 2- Coletar dados históricos e sócio-culturais que fundamentem a origem e a motivação dos nomes designativos dos lugares.
- 3- Verificar, conforme o método de DICK, (indicado na fundamentação teórica) a relação existente entre o processo denominativo e a realidade sócio-cultural e lingüística dos moradores do município.
- 4- Fazer a classificação dos topônimos segundo as taxionomias propostas por DICK.
- 5- Analisar os topônimos como construtores da identidade dos indivíduos integrantes de um determinado grupo, bem como a identidade do próprio grupo.
- 6- Apresentar um estudo das motivações toponímicas dos topônimos da zona rural do município e São João Batista do Glória, Estado de Minas Gerais, considerando-se o método de DICK já aplicado a projetos ligados ao ATB-Atlas Toponímico Brasileiro – Diversidade e Variedades Regionais (DICK, 1996)

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ação denominativa inseriu-se no comportamento humano desde os primórdios da história da humanidade. A Bíblia nos faz crer que Deus foi o primeiro ‘nomeador’ pois deu nome a tudo que ia criando, incumbindo o homem de nomear as demais coisas. “Chamou Deus à luz *Dia* e às trevas, *Noite*. Houve tarde e manhã, o primeiro dia” (GEN:1-5). A narrativa bíblica traz importantes referências às atividades de nomeação registrando-as desde o livro sagrado de Gênesis.

Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. (GEN 2:19)

O homem nomeou os animais, as plantas e tudo que existia. Essa atividade é mencionada inúmeras vezes na narrativa bíblica. Há sempre uma motivação para se nomear pessoas ou lugares. Havia sempre uma característica determinante para definir-se o nome de uma pessoa. Percebemos também que a motivação para a denominação dos inúmeros lugares bíblicos era determinada pelo seu uso ou circunstâncias em que ocorriam certos acontecimentos.

Incumbência divina ou não, o fato é que o homem, para se organizar no tempo, no espaço ou no grupo, aprendeu a nomear todas as coisas.

Nomear é um ato tão antigo quanto à própria linguagem, uma atividade que remonta aos primórdios da civilização, e embora seja comum a todas as línguas, não é aleatório. Cada povo tem características próprias e distintas que determinam as regras de denominação, seja dos indivíduos, das coisas ou dos lugares DICK (1990: p.23).

O ato denominativo tornou-se uma atividade essencial para o ser humano, pois com a organização espaço-temporal, as sociedades primitivas conseguiram estabelecer-se num determinado território, o que facilitou a relação entre os grupos, tornando o processo comunicativo mais eficiente e acelerando o desenvolvimento da humanidade.

Em alguns grupos, o espaço recebia o nome do denominador como forma de marcar a posse do território. Essa característica é muito marcante na toponímia. Com o tempo, ocorreu

uma inversão nesse processo e também os homens passaram a ser nomeados de acordo com o espaço geográfico a que pertenciam. Na toponímia prevalece a primeira situação (o denominador como marca de posse), e este fato mostra a importância do nome (do antropotopônimo e do topônimo) como traço de identidade do indivíduo dentro do grupo e do grupo frente a outros grupos, pois carrega em si características físicas, psicológicas e sociais.

ISQUERDO e KRIEGER (2004) fazem uma abordagem importante sobre o comportamento lexical das sociedades no decorrer da história, analisando a palavra (analisemos aqui o topônimo) que atua como mensageira de valores pessoais e sociais:

que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social. Valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropológico, registra e perpetua a cultura. Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão porque o léxico implica também resgatar a cultura. (ISQUERDO, KRIEGER, 2004: p.11)

O léxico de uma determinada comunidade lingüística deixa transparecer valores pessoais e sociais. Segundo Marcos BAGNO⁵ (2001) certas palavras ou expressões podem “denunciar” quem somos, em que região do país nascemos, o nível social a que pertencemos, nossa formação escolar, e até nossos valores podem estar implícitos em nossa maneira de falar.

⁵ O professor Marcos BAGNO, autor de livros como *A Língua de Eulália* e *Preconceito Lingüístico*, diz que podemos encarar como ‘preconceito lingüístico’, a forma como tratamos os falantes de alguma outra região que não a nossa. E isso é muito comum no Brasil.

1.1. TOPONÍMIA – CIÊNCIA LINGÜÍSTICA

A Toponímia, subárea da Onomástica, como ciência que estuda os nomes dos lugares, não é recente. Mas sua definição como ciência lingüística ganhou força no final do século XIX. Seu precursor, o francês Auguste LONGNON, introduziu, por volta de 1878, os estudos toponímicos na École Pratique des Hautes-Études e no Collège de France, mas só teve seus trabalhos publicados em 1912, por um grupo de ex-alunos. *Les Noms de Lieux de la France* tornou-se a obra clássica da área. Em 1922, o também francês Albert DAUZAT, discípulo de Longnon, retomou os estudos do mestre, realizando novas pesquisas. O trabalho desenvolvido deu origem à obra *Les Noms de Lieux - Origine et Evolution*, cujo teor proporcionou o conhecimento de um sistema de normas que ainda hoje orientam estudos dessa área⁶ (DICK, 1992).

LONGNON e DAUZAT foram os primeiros a dar características científicas à toponímia, mas dirigiram seus estudos à origem etimológica, à reconstituição história de cada topônimo e às transformações fonéticas dos nomes.

Através dos estudos etimológicos dos topônimos de um determinado espaço geográfico, pode-se também obter informações sobre as diferenças e semelhanças das famílias lingüísticas que o ocuparam.

Os estudos toponímicos, então, tiveram origem na Europa e forneceram as bases para os estudos toponímicos no continente americano. DAUZAT estabeleceu o método de investigação toponímica ao criar duas faces investigativas para o ato de nomear. Na primeira, apresentou as séries lógicas e, na segunda, as características históricas, enfatizando que a classificação do designativo pode ser feita a partir do ponto de vista da formação externa ou dos sentidos intrínsecos do nome. No primeiro caso, o ato de nomear pode ser espontâneo e atribuído a uma vontade mais ou menos inconsciente do grupo. Ou pode ser sistemático quando resulta de atos refletidos de uma autoridade, de um prefeito, de um fundador da cidade ou de um proprietário. Quanto aos sentidos intrínsecos, estes englobam as denominações cujos nomes são emprestados da própria geografia física, ou de pessoas ilustres, ou mesmo ter origem nos diversos caracteres abstratos ou de ordem histórica (DAUZAT, 1928).

⁶ Em vários títulos encontramos referências sobre a evolução histórica da toponímia como ciência lingüística.

José Leite de VASCONCELOS, filólogo português, ao estudar os nomes de Portugal, propôs uma divisão dos nomes geográficos em três níveis: classificação por línguas, modos de formação toponímica e categoria de nomes segundo as causas que os originaram. Quanto à forma de denominação toponímica, as investigações estavam relacionadas aos estudos gramaticais do sintagma nominativo e às categorias que se relacionam às causas que as originaram, como a história, a religião, a flora, a fauna, a natureza do solo (VASCONCELOS, 1931).

DAUZAT (1928) E VASCONCELOS (1931) mostraram, em suas pesquisas, que os nomes geográficos recuperam aspectos naturais do meio ambiente onde se encontram, além dos aspectos sociais e culturais. DAUZAT (1928) divide a natureza dos topônimos em dois campos de influências: o da geografia física e da geografia humana, conforme DICK (1999).

No Brasil, os primeiros estudos toponímicos foram desenvolvidos pelo pesquisador Teodoro SAMPAIO, que se ocupou da investigação da influência do tupi nos designativos de lugar. *O Tupi na Geografia Nacional*, sua obra publicada em 1901, seguia a orientação dos franceses porque, segundo o autor, os estudos etimológicos e históricos dos topônimos, são as bases que devem ser estudadas, uma vez que o significado do signo toponímico pode refletir características físicas e históricas do topônimo no contexto em que foi criado. Esse argumento tem por base a constatação da forma de nomear utilizada pelos tupis que era baseada no caráter descritivo do ambiente onde o nome estava inserido.

Os estudos toponímicos foram introduzidos na Universidade de São Paulo, nos moldes propostos por Teodoro SAMPAIO, favorecendo o desenvolvimento de uma toponímia de origem tupi. O professor Carlos DRUMOND publicou tese de livre docência sobre a *Contribuição do bororo à toponímia brasílica*, contribuindo para o aumento do acervo documental acerca de outras famílias lingüísticas indígenas brasileiras. A professora Maria Vicentina de Paula do Amaral DICK deu prosseguimento a esses estudos, ampliando ainda mais as possibilidades de desenvolvimento das pesquisas toponímicas e fortalecendo essa subárea da Onomástica como ciência lingüística, com princípios teóricos e metodologias de pesquisa embasadas em DAUZAT e seus seguidores. DICK também desenvolveu modelos taxionômicos essenciais para a análise e compreensão da configuração de qualquer pesquisa toponímica mais ampla.

A partir dos estudos desenvolvidos por DICK, observamos uma valorização da Toponímia como ciência lingüística que estuda, prioritariamente, o designativo tornado *nome* “que passa a ter uma valência peculiar ou dupla: nem apenas um nome nem apenas forma e

expressão sígnicas, mas vocábulo de língua referencializado como topônimo ou antropônimo” DICK (1999:p.124). E como ciência lingüística, base de outras ciências,

tanto a Antroponímia como a Toponímia, são co-responsáveis também pela preservação dos fatos culturais em uma determinada área geográfica. Atuam funcionalmente como formas conservadoras da “memória” do núcleo que se faz presente nos estágios denominativos de diversas origens e causas. Esses marcadores, por evoluírem de modo mais lento que as normas e posturas sociais, são definidos como enunciados arcaizantes das linguagens, capazes de recuperar os momentos históricos vividos e a própria trajetória do homem na formação do grupo (DICK, 1999:p.123)

1.2 O SIGNO LINGÜÍSTICO – O SIGNO TOPONÍMICO

Os estudos lingüísticos despertaram interesse desde a antiguidade. Filósofos como Platão e Aristóteles já se posicionavam quanto às questões lingüísticas. Mas foi no início do século XX que SAUSSURE, considerado o ‘pai’ da lingüística moderna, aprimorou os estudos sobre as questões da linguagem, tornando a lingüística uma ciência plena. Para SAUSSURE, o signo lingüístico é composto de duas partes, significante e significado, cuja relação não é natural, mas produto de um contrato social.

O signo toponímico tem como característica principal a motivação semântica relacionada a aspectos sociais, culturais ou ambientais, que são levadas em conta no ato de nomear acidentes físicos ou humanos, tornando-se assim sua motivação. Nessa perspectiva, os topônimos são motivados por fatores extralingüísticos podendo ser considerados como “verdadeiros testemunhos históricos” e expressam “um valor que transcende o próprio ato da nomeação”. (DICK, 1999: p.129).

Apesar de fazer parte do sistema de uma língua e por isso fazer parte do seu universo lexical, o topônimo é motivado por desejos pessoais ou eventos sócio-culturais e históricos. Por se inscrever como parte do sistema da língua, nos fornece dados sobre a relação língua/sociedade e cultura. Para que essa relação seja possível, devemos observar as considerações de BIDERMAN:

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos que se referem ao mundo e ao universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade é uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extralingüístico. (BIDERMAN, 2001: p.14).

Assim, ao juntarmos as visões de DICK (1992) – que a motivação semântica do topônimo por elementos extralingüísticos é como uma fonte de pesquisa histórica de um povo – e de BIDERMAN (2001) – que o léxico é o tesouro de um povo – percebemos que os elementos da linguagem trazem em sua essência os conceitos elaborados por uma comunidade que os utiliza como marca do pensamento coletivo desse grupo. O topônimo passa a ser então uma mostra dessa marca de identidade grupal.

1.3 A TAXIONOMIA TOPONÍMICA

Conforme já citamos anteriormente, o modelo metodológico de classificação toponímica elaborado por DICK (1975), composto inicialmente por 19 taxes e reformulado pela própria DICK, publicado em 1992, num total de 27 taxes, assim determinadas: 11 relacionadas ao ambiente físico (taxionomia de natureza física) e 16 ligadas às relações estabelecidas pelo homem inserido numa sociedade com aspectos sócio-culturais e históricos distintos (taxionomia de natureza humana).

Essas taxionomias estão assim distribuídas:

a- de natureza física: **Astropotopônimos**, topônimos que emprestam o nome de corpos celestes; **Cardinotopônimos**, relativo às posições geográficas em geral; **Cromotopônimos**, que fazem referência a cores; **Dimensiotopônimos**, fazem referência às características do próprio acidente. **Fitotopônimos**, relativos aos nomes de vegetais. **Geomorfotopônimos fazem** referência às formas topográficas. **Hidrotopônimos**, relativos aos acidentes hidrográficos em geral. **Litotopônimos**: relativos a minerais. **Metereotopônimos fazem** referência a fenômenos atmosféricos; **Morfotopônimos** referem-se a formas geográficas. **Zootopônimos**, relativos a nomes de animais.

b – de natureza antropocultural: **Animotopônimos** ou **Nootopônimos**, relativos à vida psíquica e espiritual; **Antropotopônimos**, relativos a nomes próprios e individuais. **Axiotopônimos fazem** referência a títulos e a dignidades que acompanham os nomes; **Corotopônimos** recuperam nomes de cidades, países, regiões e continentes. **Cronotopônimos** indicam tempo. **Dirrematotopônimos**, topônimo constituído por frases ou enunciado lingüístico. **Ecotopônimos**, relativos a habitações de um modo geral. **Ergotopônimos** referem-se a elementos da cultura. **Etnotopônimos**, relativos a elementos étnicos isolados. **Hierotopônimos** recuperam nomes sagrados. **Hagiotopônimos** referem-se aos santos do hagiolégio romano. **Historiotopônimos**, relativos a movimentos de cunho histórico-social e a seus membros; **Hodotopônimos**, relativo às vias de comunicação rural ou urbana. **Numerotopônimos**, relativos aos numerais. **Poliotopônimos**, topônimos constituídos pelos vocábulos aldeia, vila, povoado, arraial; **Sociotopônimos**, relativo às atividades profissionais ou a ponto de encontro. **Somatopônimos** referem-se às relações metafóricas às partes do corpo humano ou animal.

Essa taxionomia não é um sistema fechado em si mesmo. À medida que novos estudiosos se interessam pela pesquisa toponímica, torna-se possível o levantamento de novas formas de classificação dos topônimos, levando-se em conta, claro, o método elaborado por DICK. Segundo Dick (1999), as taxionomias toponímicas não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificáveis,

podendo ser ampliadas em seus catogoremas (fitotopônimos, ergotopônimos, somatotopônimos, etc..), à medida que novas estruturas vocabulares se constituam, respeitando sempre o modelo originário, assim descrito: adoção de um prefixo nuclear (greco-latino), de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano; acréscimo do termo “topônimo” ao elemento prefixal, para dar a justa do campo de atuação da unidade onomástica criada. (DICK, 1999: p.142)

DICK formulou as taxionomias levando em conta a diversidade da realidade brasileira. O modo como foram elaboradas permite sua expansão de acordo com as necessidades do pesquisador e o contexto onde o topônimo a ser pesquisado está inserido. Sua estrutura denominativa é composta por um elemento genérico, definidor da classe do nome, que se une ao vocábulo topônimo. Se o nome de um acidente geográfico tem como origem o nome de um animal, é um *zootopônimo*, se é o nome de uma planta, é um *fitotopônimo*, e assim por diante.

“Do ponto de vista do emprego toponímico, as categorias mais utilizadas, revelando a preferência do homem brasileiro por determinados campos semânticos (naturais), respeitam aos designativos de origem vegetal, animal, hidrográfica, geomorfológica e litorânea; e no plano cultural, aos nomes de origem religiosa, antroponímica, histórica, social e psicológica”. (DICK, 1999: p.142)

Dessa maneira, torna-se flexível o número de classificações taxionômicas possíveis numa pesquisa toponímica, desde que tal procedimento não provoque o ‘inchaço’ desnecessário e inconveniente ao trabalho científico.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

O método que utilizamos em nossa pesquisa é uma combinatória da leitura cartográfica e documental (mapas, documentos de transferências de terras, obras literárias relacionadas à história local e regional) e da investigação de campo (entrevistas gravadas). Servimo-nos de uma carta geográfica, o Mapa Rodoviário Municipal, elaborado em 1999, em escala 1:50.000, como base para o levantamento do topônimos da zona rural do município. Partimos da análise quantitativa, procedendo o levantamento dos designativos de lugar e, posteriormente, partindo para uma análise qualitativa ao estudarmos a motivação toponímica dos denominadores.

Fizemos, inicialmente, o levantamento dos nomes das regiões e microrregiões, acrescentamos as pontes, córregos e ribeirões, num total de 79 topônimos, por considerá-los mais representativos. No entanto, ao analisarmos mais criteriosamente o Mapa, encontramos na configuração das regiões e microrregiões, uma diversidade de denominativos que nos motivou a ampliar nosso levantamento para 177 topônimos. Incluímos, então, todos os nomes dos acidentes geográficos e humanos constantes da carta geográfica, excluindo apenas os nomes dos proprietários de terras por considerarmos não haver vínculo entre estes nomes e o estudo toponímico realizado.

As cartas geográficas, como enfatizamos, são o documento básico e as fontes primárias para a análise do fenômeno onomástico, na modalidade toponímica. A carta [...], permitirá também, considerando-se o momento sincrônico da análise, que se busquem outros planos de apreensão do objeto em exame, em épocas anteriores, descrevendo-se ou recuperando-se o *continuum denominativo* daquela nomenclatura. Além disso, o emprego do método indutivo de análise concorrerá para que, utilizando-se os vários *corpora* regionais e seus modelos, se construam hipóteses de trabalho. (DICK, 1999: p.132).

Além da pesquisa bibliográfica, cartográfica e documental, traçamos um perfil dos informantes que poderiam colaborar cientificamente com o enriquecimento de nossa pesquisa e realizamos 23 entrevistas, com moradores previamente selecionados, de faixa etária diferenciada (um grupo de jovens e um grupo de mais idosos), que, além de confirmarem

dados constantes de trabalhos anteriores, nos forneceram informações novas, que nos foram muito preciosas.

Seguimos linhas de investigação científica que nos permitiram o resgate da memória histórico-social do município, onde os contextos histórico, geográfico, social e étnico estão expressos nos denominativos toponímicos e foram mantidos pela tradição oral durante longos anos.

Nosso estudo da motivação histórico-social e geográfica na toponímia da região rural do município de São João Batista do Glória/MG levou-nos a considerar as influências étnicas e familiares na indicação dos denominadores e a provável relação entre motivação toponímica e identidade coletiva, numa região que, apesar de estar próxima aos grandes centros urbanos (São Paulo/Rio de Janeiro e Belo Horizonte – cerca de 400 km), ainda conserva aspectos culturais representativos das sociedades e grupos sociais típicos de séculos passados. Ainda é possível encontrar carros de bois, autênticos, no trabalho realizado em locais mais afastados do centro urbano. As festas religiosas, como a “Folia de Reis”, ainda são mantidas e realizadas em conformidade ao que se apresentava no século XIX, conforme relatos dos informantes mais idosos

2.1 ESTABELECIMENTO DO CORPUS

Para o estabelecimento do corpus, utilizamos como referência principal o Mapa Rodoviário do Município, elaborado em dezembro de 1999, de acordo com os projetos-base IGA⁷CEMIG⁸IBGE, pelo engenheiro Valdir BARBOSA (cálculos e digitalização) e Zoroastro de SIMONE (pesquisa), em escala de 1:50.000.

Na elaboração do mapa, os autores recorreram a fontes primárias de pesquisa: documentos pessoais e entrevistas com familiares dos inspiradores dos denominativos, proprietários e trabalhadores das fazendas e outros habitantes da cidade. Em nosso trabalho, demos continuidade à metodologia utilizada por eles, entrevistando pessoas que conhecem a história da cidade, para um levantamento histórico da origem dos vários denominativos antroponímicos e não antroponímicos, de natureza física (geomorfotopônimos, fitotopônimos e outros). Mais entrevistas se fizeram necessárias devido ao fato de que muito da história da cidade está na memória dos habitantes mais antigos e nem sempre é repassada aos mais jovens.

Buscamos também confirmar as informações em mapas e documentos de transferência de terras, de acervo particular e de posse do Cartório de Registro e Notas do município de São João Batista do Glória.

Consultamos ainda o levantamento feito por Zoroastro de SIMONE e Valdir BARBOSA, autores do *Sistema Rodoviário Municipal* e os registros feitos pelo Professor Antonio GRILO, autor do livro *Memórias da Cidade de São João Batista do Glória*.

Para a realização das entrevistas, adotamos como instrumento de apoio a tradição oral e como critério de seleção dos informantes o local e o tempo de moradia, a faixa etária e o grau de parentesco com os homenageados por alguns topônimos.

As entrevistas e questionários foram aplicados a 23 moradores: 18 que estão na faixa etária acima dos 60 anos (8 proprietários de terras herdeiros de propriedades bem antigas, 10 ex-moradores ou trabalhadores das fazendas, pessoas conhecedoras da história dos locais), e a 5 jovens, na faixa etária de 18 a 25 anos.

⁷ IGA – Instituto de Geociências Aplicadas

⁸ CEMIG – Companhia Energética do Estado de Minas Gerais

Selecionamos duas faixas etárias diferentes para que pudéssemos avaliar a consistência dos dados transmitidos oralmente e o interesse dos mais jovens na preservação da cultura local:

1- Moradores mais antigos – com mais de 60 anos – 18

2- Moradores mais jovens: entre 15 e 25 anos – 5

No quadro abaixo, mostramos como foram organizados os informantes selecionados:

Quadro 1 – Grupo de informantes

Faixa etária	Homens	Mulheres	Total
De 15 a 25 anos	3	2	5
De 60 a 85 anos	11	7	18
Total de Entrevistados	14	9	23

O número de informantes, embora pareça pequeno, serviu para confirmar e enriquecer as informações já coletadas pelos autores das obras de referência: *Mapa Rodoviário Municipal e Glória – Memórias da Cidade de São João Batista* (BARBOSA, SIMONE e GRILO).

Entrevistamos ainda mais 3 pessoas que fazem parte da história do município, não só pelos trabalhos que já elaboraram em prol de seu desenvolvimento, mas pelo profundo zelo que têm pela preservação da cultura local: os srs. Zoroastro de SIMONE e Valdir BARBOSA, autores do Mapa Rodoviário Municipal e o Sr. Tonyan KHALLYHABBY, autor de vários estudos sobre a arte rupestre encontrada na região.

Para o levantamento e classificação do corpus, buscamos a delimitação oficial da área do município, consultando o Mapa Rodoviário do Município já citado, elaborado para atender às exigências do DNER/DER-MG, com o propósito de atualizar o SRM-Sistema Rodoviário Municipal, e, pelo que temos conhecimento, o primeiro e ainda único mapa oficial de São João Batista do Glória.

Definido o corpus objeto da pesquisa, buscamos no embasamento teórico fornecido por DICK, a mais atuante toponimista brasileira, onde a taxionomia proposta segue um

modelo adequado à realidade brasileira, elaborada em 1975 e atualizada pela própria DICK em 1992. Em nosso trabalho utilizaremos as seguintes categorias:

a - de natureza física:

- Dimensiotopônimos: fazem referência às características do próprio acidente.
- Fitotopônimos: relativos aos nomes de vegetais.
- Geomorfotopônimos: fazem referência às formas topográficas.
- Hidrotopônimos: relativos aos acidentes hidrográficos em geral.
- Litotopônimos: relativos a minerais.
- Morfotopônimos: referem-se a formas geográficas.
- Zootopônimos: relativos a nomes de animais.

b- de natureza antropocultural:

- Antropotopônimos: relativos a nomes próprios e individuais.
- Corotopônimos: recuperam nomes de cidades, países, regiões e continentes.
- Cronotopônimos: indicam tempo.
- Dirrematotopônimos: topônimo constituído por frases ou enunciado lingüístico.
- Ecotopônimos: relativos a habitações de um modo geral.
- Ergotopônimos: referem-se a elementos da cultura.
- Enotopônimos: relativos a elementos étnicos isolados.
- Hierotopônimos: recuperam nomes sagrados.
- Hagiotopônimos: referem-se aos santos do hagiológico romano.
- Hodotopônimos: relativo às vias de comunicação rural ou urbana.
- Numerotopônimos: relativos aos numerais.
- Sociotopônimos: relativo às atividades profissionais ou a ponto de encontro.

2.2 LEVANTAMENTO DO CORPUS

Selecionamos 177 topônimos que representam as regiões, microrregiões, o rio, os ribeirões, os córregos, as pontes, os acidentes geográficos (serras, lagos, cachoeiras, sítio arqueológico, etc.) e outros acidentes humanos (pousadas, clubes, marcos religiosos, etc.):

Quadro 2 – Corpus selecionado

QT	LOCALIZAÇÃO	ACIDENTE	TOPÔNIMO
1	Sudoeste de Minas Gerais	Município	São João Batista do Glória
2	Zona rural	Região	Brejo
3	Zona rural	Região	Cambaúbas
4	Zona rural	Região	Canteiros
5	Zona rural	Região	Capetinga
6	Zona rural	Região	Esmeril
7	Zona rural	Região	Fumal
8	Zona rural	Região	Morro do Glória
9	Zona rural	Região	Palmeiras
10	Zona rural	Região	Quebra Anzol
11	Zona rural	Microrregião	Brejo
12	Zona rural	Microrregião	Fazenda Velha
13	Zona rural	Microrregião	Morro Grande
14	Zona rural	Microrregião	Praia Vermelha
15	Zona rural	Microrregião	Cambaúbas
16	Zona rural	Microrregião	Escuta
17	Zona rural	Microrregião	Lagoa
18	Zona rural	Microrregião	Canteiros
19	Zona rural	Microrregião	Quilombo
20	Zona rural	Microrregião	Retiro da Prata
21	Zona rural	Microrregião	Capetinga

22	Zona rural	Microrregião	Fumal
23	Zona rural	Microrregião	Morro do Glória
24	Zona rural	Microrregião	Palmeiras
25	Zona rural	Microrregião	Cafundó
26	Zona rural	Microrregião	Lambari
27	Zona rural	Microrregião	Jaraguá
28	Zona rural	Microrregião	Fumalzinho
29	Zona rural	Microrregião	Mata dos Goulart
30	Zona rural	Microrregião	Talhados
31	Zona rural	Microrregião	Esmeril
32	Zona rural	Microrregião	Campo do Caju
33	Zona rural	Microrregião	Carrapicho
34	Zona rural	Microrregião	Porto do Glória
35	Zona rural	Microrregião	Porto Velho
36	Zona rural	Microrregião	Três Mata-burros
37	Zona rural	Microrregião	Capão Grande
38	Zona rural	Microrregião	Letreiro
39	Zona rural	Microrregião	Ponte Alta
40	Zona rural	Microrregião	Ruinha
41	Zona rural	Microrregião	Taboas
42	Região Morro do Glória	Ponte	Genaro Batista dos Santos
43	Região Morro do Glória	Ponte	Sabino Beraldo
44	Região Capetinga	Ponte	Normélio da Fonseca (Felipe)
45	Região Morro do Glória	Ponte	Braz de Souza Vieira (Braz e Souza)
46	Região Morro do Glória	Ponte	Antonio Alves Pereira (Antoin Nego)
47	Região Morro do Glória	Ponte	Aurelina Alvina de Jesus (dona Orela)
48	Região Morro do Glória	Ponte	Franégio Cândido da Silva (Nejo Ventura)
49	Região Palmeiras	Ponte	Sebastião Costa e Silva

			(Tião Belardo)
50	Região Palmeiras	Ponte	José Ferreira Lemos (Juquinha Quirino)
51	Região Palmeiras	Ponte	Eustáquio Maciel da Costa (Eustáquio)
52	Região Palmeiras	Ponte	dos Aleixos
53	Região Palmeiras	Ponte	Florisbela da Luz (dona Bela)
54	Região Palmeiras	Ponte	Bertolina Maria de Jesus (Bertolina)
55	Região Palmeiras	Ponte	Ana Rosa Evangelista (Ana Rosa)
56	Região Canteiros	Ponte	José David Felicíssimo (José David)
57	Região Esmeril	Ponte	Leonel Alves
58	Região Esmeril	Ponte	Expedito Costa de Paula
59	Região Esmeril	Ponte	Cândido Gomes dos Reis (Candinho Gomes)
60	Região Esmeril	Ponte	Liros & Purcenas
61	Região Fumal	Ponte	José Vilela
62	Região Fumal	Ponte	Antonio Zacarias Pereira (Tõin Caria)
63	Região Fumal	Ponte	José Soares de Rezende
64	Região Fumal	Ponte	Alfredo Mariano da Costa (Feduca)
65	Região Cambaúbas	Ponte	Calixtrato Pinto de Carvalho (Calixtrato)
66	Zona urbana	Ponte	Manoel Alves Pereira (Mané Alves)
67	Zona urbana	Ponte	dos Arcos
68	Zona urbana	Ponte	João Chico
69	Zona urbana	Ponte	Pedro Vilela
70	Zona rural	Rio	Grande

71	Zona rural	Ribeirão	Grande
72	Zona rural	Ribeirão	Capetinga
73	Zona rural	Ribeirão	do Esmeril
74	Zona rural	Ribeirão	Fumal
75	Zona rural	Ribeirão	das Capivaras
76	Zona rural	Ribeirão	Quebra Anzol
77	Zona rural	Ribeirão	Mococa
78	Zona rural Brejo	Córrego	da Escola
79	Zona rural - Brejo	Córrego	do Brejo
80	Zona rural - Brejo	Córrego	Morro Grande
81	Zona rural - Brejo	Córrego	do Peru
82	Zona rural - Brejo	Córrego	Luanda
83	Zona rural - Brejo	Córrego	da Praia
84	Zona rural - Brejo	Córrego	do Icolino
85	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	Canoas
86	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	Três Mata-burros
87	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	do Ipê
88	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	da Chácara
89	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	Curva dos Góes
90	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	do Omar
91	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	do Tanque
92	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	Carrapicho
93	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	do Jatobá
94	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	dos Quirinos
95	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	do Menigídio
96	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	do Lavapés
97	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	da Ricardina
98	Zona rural - Morro do Glória	Córrego	dos Venturas
99	Zona rural - Capetinga	Córrego	Seco
100	Zona rural - Capetinga	Córrego	do Augusto
101	Zona rural - Capetinga	Córrego	do Goulart
102	Zona rural - Palmeiras	Córrego	dos Arrudas
103	Zona rural - Palmeiras	Córrego	Taboas

104	Zona rural - Palmeiras	Córrego	Ruinha
105	Zona rural - Palmeiras	Córrego	Pereira
106	Zona rural - Palmeiras	Córrego	do Boqueirão
107	Zona rural - Palmeiras	Córrego	do Engenho (Mata do Engenho)
108	Zona rural - Palmeiras	Córrego	do Barreiro
109	Zona rural - Palmeiras	Córrego	Garrida
110	Zona rural - Palmeiras	Córrego	do Capão Grande
111	Zona rural – Palmeiras/Fumal-Córrego		Tamanduá
112	Zona rural - Palmeiras	Córrego	Maria Augusta
113	Zona rural - Canteiros	Córrego	dos Neca
114	Zona rural - Canteiros	Córrego	do Quilombo
115	Zona rural - Canteiros	Córrego	dos Canteiros
116	Zona rural - Canteiros	Córrego	do Café
117	Zona rural - Canteiros	Córrego	da Cabeceira
118	Zona rural - Canteiros	Córrego	do Galheiro
119	Zona rural - Canteiros	Córrego	da Tapera
120	Zona rural - Canteiros	Córrego	do Barulho
121	Zona rural - Canteiros	Córrego	da Taquara
122	Zona rural - Canteiros	Córrego	da Estiva
123	Zona rural - Canteiros	Córrego	Fundo
124	Zona rural – Fumal	Córrego	Fumalzinho
125	Zona rural – Fumal	Córrego	do Capão
126	Zona rural – Fumal	Córrego	do Capão da Erva
127	Zona rural – Fumal	Córrego	da Olaria
128	Zona rural – Fumal	Córrego	da Bamba
129	Zona rural – Fumal	Córrego	do Baiano
130	Zona rural – Fumal	Córrego	do Cigano
131	Zona rural – Fumal	Córrego	do Lajeado
132	Zona rural – Fumal	Córrego	da Carapuça
133	Zona rural – Esmeril	Córrego	do Rolador
134	Zona rural – Esmeril	Córrego	do Sobradinho
135	Zona rural – Esmeril	Córrego	dos Inhames
136	Zona rural – Esmeril	Córrego	Cafundó

137	Zona rural – Quebra Anzol	Córrego	Gairoba
138	Zona rural – Cambaúbas	Córrego	do Bambu
139	Zona rural – Cambaúbas	Córrego	do Açude
140	Zona rural – Cambaúbas	Córrego	Aroeiras
141	Zona rural – Cambaúbas	Córrego	Moreira
142	Zona rural – Cambaúbas	Córrego	do Quinca
143	Zona rural	Serra	do Rolador
144	Zona rural	Serra	da Prata
145	Zona rural	Serra	do Baú
146	Zona rural	Serra	das Palmeiras
147	Zona rural	Serra	do Cigano
148	Zona rural	Serra	Capão do alto
149	Zona rural	Cachoeira	do Ribeirão Grande
150	Zona rural	Cachoeira	dos Hilários
151	Zona rural	s/ref (planície)	Chapadão
152	Zona rural	s/ref (planície)	Campo Grande
153	Zona rural	s/ref (falha geológica)	Buraco da Nega
154	Zona rural	s/ref (mirante)	Mirante dos Canteiros
155	Zona rural	s/ref	Buracão
156	Zona rural	s/ref (vale)	Escuta do Ribeirão Grande
157	Zona rural	s/ref (morro)	Morro Grande
158	Zona rural	s/ref (campo de fut)	Campo do CDC
159	Zona rural	s/ref (campo de fut)	Campo do Nem
160	Zona rural	s/ref (campo de fut)	Campo do Adão
161	Zona rural	s/ref (árvore/marco de localização)	Figueira
162	Zona rural	s/ref (marco religioso)	Cruzeiro
163	Zona rural	s/ref (sítio arqueológico)	Letreiro
164	Zona rural	s/ref (região)	Lagoa do Ribeirão Grande
165	Zona rural	s/ref (região)	Porto do Gordurinha
166	Zona rural	s/ ref (estância turística)	Paraíso Perdido

167	Zona rural	s/ref (cachoeira)	Cascata
168	Zona rural	s/ref (lago/cachoeira)	Tacha
169	Zona rural	s/ref (cachoeira)	Maria Augusta
170	Zona rural	s/ref (cachoeira)	Mata do Engenho
171	Zona rural	s/ref (estância e praia fluvial)	Tango
172	Zona rural	Pousada	das Palmeiras
173	Zona rural	Pousada	das Orquídeas
174	Zona rural	Clube	Náutico Engº Mauro Ferraz
175	Zona rural	Ilha	do Zé Nelson
176	Zona rural	Ilha	do Ângelo
177	Zona rural	Usina hidrelétrica	de Furnas

CAPÍTULO 3

O MUNICÍPIO E SUAS ORIGENS LEVANTAMENTO HISTORIOGRÁFICO

São João Batista do Glória é um pequeno município localizado a sudoeste do Estado de Minas Gerais, integra a microrregião de Passos e a mesorregião Sul/Sudoeste e, embora tenha alcançado sua emancipação apenas em 1949, sua história beira 200 anos. Provavelmente, nas primeiras décadas do século XIX, já havia vestígios da formação de um povoado, um arraial, que até 1841 fazia parte da Vila de São Bento do Tamanduá, hoje Itapecerica.

Foi elevado à categoria de distrito em 1842, por meio da lei nº 239, de 30 de novembro, que o integrou à recém criada Vila de Nossa Senhora do Livramento de Pium-i. No entanto, ainda como Curato continuou pertencendo à arquidiocese de Mariana, distinguindo-se assim a administração política e religiosa. Quinze anos depois o Curato foi elevado à Paróquia, pela lei nº 812, de 4 de julho de 1857, ainda pertencente à arquidiocese de Mariana. Em 1918, a Paróquia foi transferida da jurisdição do bispado de Mariana para o de Luz.

Durante o longo período em que permaneceu como distrito, o povoado pertenceu a várias localidades: Piumhi, Passos, Vila de Jacuí, Delfinópolis. Essas mudanças de “pertença” eram alternadas e seguiam interesses políticos. Em dezembro de 1938, por exemplo, para facilitar as condições de emancipação, pela lei 148 de 17.12.1938, o distrito de São João Batista do Glória foi anexado a Delfinópolis. Em 1943 voltou a pertencer a Passos, não se alterando mais a situação até ser emancipado em 1949⁹.

Também há fortes indícios de ter havido habitantes no lugar, muito antes dos séculos XVIII ou XIX. O sítio arqueológico do Letreiro é um desses indícios. Apesar de cientificamente não se estabelecer com clareza a sua ‘idade’, segundo estudos de Tonyan KHALLIHABBY, faz parte da Arte Rupestre Pós-Glaciária, remetendo-nos há cerca de 11000 anos antes de Cristo.

⁹ Dados extraídos do livro Sistema Rodoviário Municipal – complementado, de Waldir BARBOSA e Zoroastro de SIMONE (2000).

O que percebemos logo de início é que a história do município é bastante movimentada, carregada de curiosidades, algumas fantasiosas, outras bem reais. Começamos por observar que não se fala de uma origem. Várias possibilidades nos são apresentadas, todas registradas a partir da oralidade, conforme mencionado no histórico constante da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros:

Não se encontrando elementos sobre os primórdios de São João Batista do Glória, o início de sua história nos vem através de informações orais. Os primitivos habitantes da região foram silvícolas, ignorando-se, porém, a que tribo pertenciam. Nada se sabe, igualmente, sobre o comportamento dos mesmos ante o desbravador branco. No território municipal foram encontrados restos de cerâmica e armas de pedra dos índios, existindo também, no bairro Serra, gravada em uma rocha, uma inscrição atribuída a esses primitivos moradores. (IBGE, 1959 – ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS - vol. XXVII. p.217).

3.1 AS DIVERSAS ORIGENS

Conforme dados históricos mencionados no Plano Municipal Decenal de Educação 2005-2014 (SME/2005), realizado pela Secretaria Municipal de Educação, com a colaboração do bacharel em Direito, Zoroastro de SINOME, a origem da formação do município parte de três hipóteses diferentes, que não se contestam, apenas são tidas como de procedências diversificadas.

A primeira hipótese é apresentada pelo historiador Waldemar de Almeida Barbosa e considera como fundadores do povoado João Ferreira da Silva, José Joaquim Galarte (ou Goulart) e os capitães João José de Souza e Antonio José de Faria, que, em 1820, fixaram-se nas terras que faziam parte da Sesmaria da Glória. Procedentes de Candeias e com destino aos sertões de Goiás, em busca de terras de cultura, foram atraídos pela abundância de terras férteis na região.

A segunda hipótese está registrada na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, volume 27, e declara que os irmãos Daniel e Joaquim Goulart doaram um terreno de 70 alqueires a São João Batista em cumprimento de uma promessa em agradecimento pela cura de um dos irmãos que fora acometido de grave doença. Obtido o favor da cura, doaram o terreno e procedeu-se à construção de uma capela dedicada ao santo, lá pelos idos de 1820.

Uma terceira hipótese faz menção ao fato de que os primeiros povoadores da região foram bandeirantes que, por meados do século XVIII, partiam de São Paulo em todas as direções em busca de ouro e pedras preciosas e os que por ali passavam, iam à procura do Rio São Francisco, já àquele tempo conhecido como diamantífero. Encontrando na cidade uma paragem amena e agradável, de topografia e clima satisfatórios, faziam paradas mais demoradas e, em suas idas e vindas, plantavam e construía as instalações necessárias, dando assim oportunidade para a formação do povoado.

Há ainda uma quarta hipótese, mencionada no livro *Glória – Memórias de São João Batista*, do Prof. Antonio GRILO (1999), que registra que a área determinada como sendo o município é parte da sesmaria do sítio da Glória, de quem era donatária dona Josefa Fideli Molina de Nolasco. Ao que parece, dona Josefa não tomou posse pessoal das terras, fazendo-se representar por parentes, capatazes e escravos, formando-se ali uma grande colônia de agregados. O fato deve ter acontecido por volta de 1770. Segundo o historiador, a fazenda da Glória tornou-se inviável economicamente e seus proprietários, não conseguindo ‘expulsar’ os

agregados, doaram as terras para o patrimônio do santo. O nome São João Batista, provavelmente, faz alusão ao santo que batizava nas águas do rio Jordão segundo os textos bíblicos, uma vez que a nova capela estava à beira do rio Grande.

Como observamos, a história do município nos leva a acreditar que uma grande diversidade cultural trazida pelos portugueses e seus escravos, misturada à cultura indígena local, deixou heranças preciosas por essas terras, seja no modo de viver ou no modo de falar. Com o tempo os indígenas (que segundo registros históricos seriam os Ubirajaras) foram expulsos ou exterminados e os portugueses não se fixaram definitivamente na região. Assim, no início da formação do povoado, prevaleceu a influência da cultura africana trazida pelos negros fugitivos das minas e trabalhadores das fazendas de café. Na toponímia gloriense, os nomes de lugares mais tradicionais carregam fortes indícios dessa influência: cachoeira do Quilombo, córrego da Carapuça, buraco da Nega, microrregião do Cafundó, etc.

3.2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS – LIMITES

O Município de São João Batista do Glória está situado em uma faixa de transição de Mata Atlântica para cerrado. Tem uma extensão territorial de 548,77 km², limitando-se ao norte com o município de São Roque de Minas (sede do Parque Nacional da Serra da Canastra), a nordeste, com o município de Vargem Bonita, a leste com o município de Capitólio, de São José da Barra a sudeste, de Alpinópolis ao sul, de Passos a sudoeste e com o município de Delfinópolis a oeste.

Figura 1 – Limites do município

3.2.1 Localização

O município está localizado a sudoeste do estado de Minas Gerais, integra a microrregião de Passos, a 047 e a mesorregião Sul/Sudoeste, a 10, por subdivisão oficial do IBGE, no censo de 1991. O município dista da capital do Estado, Belo Horizonte, 335 quilômetros, a partir da zona urbana, seguindo-se pela SBG-040, depois pela MG-050. Em linha reta, a distância do município à Capital é de 283 quilômetros¹⁰.

Figura 2 – localização e vias de acesso

<http://www.serracanastra.com.br/cidadesdaregiao/gloria.html>

¹⁰ Dados citados no Sistema Rodoviário Municipal – Complementado – pag. 100, de 2000.

3.2.2– Aspectos topográficos

No aspecto topográfico, o município tem regiões de planícies onduladas por montes de baixa altitude, variando entre 670 e 850 metros, e regiões montanhosas, variando entre 850 e 1400 metros de altitude.

Na região serrana destacam-se acidentes geográficos como a serras das Palmeiras, do Baú, do Cigano, da Prata, além dos chapadões dos Canteiros e da Garrida e de parte dos chapadões da Babilônia e do Baú.

O solo é variado desde planícies sedimentares úmidas, propícias à agropecuária, a regiões serranas, onde predominam os cerrados destinados a atividades agropastoris e a atividade mineral, bem como à exploração vegetal¹¹. Estas duas últimas atividades estão sendo desestimuladas devido à preocupação da preservação ambiental, cada vez mais presente na sociedade.

Outro aspecto da topografia que chama muito a atenção são os paredões rochosos, normalmente íngremes, que facilitam a prática de atividades esportivas radicais, como o rapel. Em alguns desses paredões, na região das Palmeiras, está localizado o monumento arqueológico denominado Letreiro, com pinturas rupestres datadas de aproximadamente 11.000 anos, assunto tratado na sequência de nosso trabalho.

Figura 3 – Os paredões

Reprodução de foto de site turístico

¹¹ Dados citados no Sistema Rodoviário Municipal – Complementado – pág. 100, de 2000.

3.3 O LETREIRO

Nas encostas das montanhas que formam o complexo da Serra da Canastra, no sudoeste de Minas Gerais, descobriram-se inscrições e sinais, que os “antigos” chamavam de “leiteiro”. Curioso pensar no que motivou a denominação do lugar. Não há registro de pesquisas que fundamentem a razão desse topônimo. Na tradição oral, conta-se que os habitantes do lugar, ao visualizarem aqueles grafismos, deduziam que se assemelhavam a letras, daí “leiteiro”.

Fig. 4 e 5 – Inscrições rupestres

Parte das inscrições rupestres na microrregião do Leiteiro

Reprodução de fotos do site <http://www.serracanastra.com.br/cidadesdaregiao/gloria.html>

Se buscarmos o significado no dicionário, veremos que a definição dá uma certa lógica à questão, pois o Aurélio diz: “[De letra + -eiro] *S. m.* 1. inscrição em tabuleta com qualquer tipo de informação; 2. *V.* legenda; 3. *Cin.* Legenda; 4. *Bras.* no interior do país, designação comum às inscrições mais ou menos curiosas, descobertas em rochas, pinturas, pedras lavradas, pedras riscadas, pedras pintadas ou itaquatias”.

Os significados 1 e 4 nos mostram que os habitantes locais tinham uma certa razão ao associar aqueles sinais ao que eles propriamente significavam. Claro que existem outras hipóteses, mas essa nos parece bastante significativa.

Uma de nossas informantes, dona Zilda, relatou-nos que alguns diziam que se tratavam de “escritos de Deus”. Deus havia deixado ali uma mensagem, a espera de alguém que tivesse uma ‘revelação’ do que daquelas palavras significavam. Seria uma mensagem para os homens.

A verdade é que os tais ‘escritos’ fazem parte da arte rupestre de Minas Gerais. Lembrando que *Arte rupestre* ou *pintura rupestre* é o nome que se dá às mais antigas representações pictóricas conhecidas, gravadas em cavernas ou em superfícies rochosas ao ar livre, como o Letreiro. Estudos revelam que, em meio aos homens primitivos, surgiram caçadores que pintavam, esculpiam e gravavam, ou seja, os primeiros artistas, que já demonstravam o desejo de expressarem-se artisticamente e de comunicarem-se, características inerentes ao ser humano.

Existem sítios arqueológicos onde se estudam as pinturas em todo o mundo. Os mais conhecidos estão na França e na Espanha. No Brasil são encontrados diversos sítios onde existem manifestações da arte rupestre. Os que despertaram maiores estudos ficam nos Estados de Santa Catarina (Naspolini), Minas Gerais (Lagoa Santa e Varzelândia), Bahia (Toca da Esperança) e Piauí (Serra da Capivara). Essas pinturas rupestres, muito provavelmente, registravam o cotidiano dos primeiros habitantes do país. Cronologicamente fala-se em 11/12.000 anos, mas já existem estudos que falam em 50.000.

A intenção, provavelmente, era de permitir que outros grupos ou futuras gerações de seus próprios grupos utilizassem as informações registradas, numa demonstração de intencionalidade comunicativa.

Vários estilos de pintar os mesmos signos foram identificados, mostrando que havia trocas culturais e de aprendizado entre os grupos.

Há, portanto, a necessidade de analisar, sob uma ótica histórico-cultural, o topônimo Letreiro. Os primeiros estudos concretos foram realizados por volta dos anos 1970/80, quando pesquisadores do Instituto Brasileiro de Arqueologia (através da UFMG) e do Museu Paulista de Antropologia (MUPA), desenvolveram pesquisas no local, como parte dos estudos da estilística e cronologia da Arte Rupestre de Minas Gerais. Dentre esses pesquisadores, destaca-se Tonyan KHALLYHABBY, do MUPA, autor dos artigos mais importantes sobre a região e responsável por cadastrar a área do Letreiro, como sítio arqueológico. Segundo KHALLYHABBY, ainda há muito a ser ‘descoberto’ e estudado em toda a área do município de São João Batista do Glória. Mas é preciso empenho das autoridades no sentido de incentivar novas pesquisas.

As pinturas encontradas no Letreiro foram classificadas como sendo da Tradição Sumidouro, que se “manifesta pela presença exclusiva de sinais geométricos filiformes, pontilhados ou em bastonetes, de formas muito simples. A quase totalidade das representações costuma ser de alinhamentos de bastonetes, pouco mais altos que largos, cuja tinta parece, freqüentemente, ter sido aplicada com o dedo” (UFMG, 1980). Em alguns painéis, no entanto, há superposição com figuras zoomórficas, levando-nos a acreditar que essa mistura de temas pode significar uma voluntária organização do espaço ou que os pintores de uma determinada tradição utilizaram espaços livres deixados por seus antecessores.

No caso “do Glória”, seus habitantes nunca ou pouco perceberam o valor histórico-cultural do Letreiro. Apenas recentemente, com a divulgação de alguns trabalhos científicos, as autoridades locais começaram a valorizar o patrimônio cultural do município. A área onde está o Letreiro é de propriedade particular, não despertando interesse suficiente para um tombamento que facilite a preservação desse patrimônio.

No entanto, vale salientar que já existem alguns esforços nesse sentido: um recorte da parte mais representativa das pinturas rupestres encontrada no município foi utilizado pela Câmara Municipal para representá-la oficialmente. Uma espécie de ‘logomarca’. Também podemos encontrar representações dessas pinturas na fachada do Cartório de Registros.

3.4 ALDEIAS INDÍGENAS E QUILOMBOS

Até 1720, quando a antiga capitania de Minas Gerais foi separada de São Paulo, os habitantes de nossa região ainda eram as tribos indígenas, principalmente o grande grupo dos Caiapós, formado de várias tribos que ocupavam as duas margens do rio Grande até os sertões de Goiás¹². Nessa época foram organizadas expedições, as chamadas “entradas” ou “bandeiras”, que saíam em direção ao interior do país à procura de ouro e pedras preciosas. Além de bandeirantes e seus bandos, capitães-do-mato e seus capangas também teriam já se aventurado por essas terras. Segundo o professor Antonio GRILO, ainda não há provas documentais desses fatos que só chegaram até nós pela tradição oral. Consta que havia muitos conflitos entre os índios e os aventureiros. Os índios não tinham armas para competir com as espingardas, escopetas e espadas dos bandeirantes e dos capitães-do-mato. Muitos fugiram, outros foram contaminados por doenças dos brancos, muitas mulheres foram “pegas no laço” e levadas pelos aventureiros. Chamavam a essas perseguições e mortandades de “alimpar os sertões”. Em pouco tempo, os índios foram sendo derrotados e mortos e diziam em São Paulo que tinham “alimpado os sertões dos caiapós”.

A abertura de caminhos pelos sertões não era bem vista pelos governantes da época, pois dificultaria o controle da produção do ouro e a cobrança de impostos. No entanto, as grandes áreas produtoras já se encontravam em crise e grande número de negros e brancos pobres “fugiam” dos centros de mineração à procura de outras regiões onde encontrassem riquezas e comida. Os negros reuniam-se em lugares distantes e de difícil acesso, formando os quilombos, onde procuravam estruturar uma vida em sociedade bem parecida com uma organização tribal. Os brancos pobres, muitas vezes chamados de bandidos ou vadios, viviam em pequenos acampamentos chamados de faisqueiras ou sítios, geralmente próximos a riachos e ribeirões, onde podiam exercer a atividade de garimpar ou faiscar. Muitos desses acampamentos deram origem a arraiais e posteriormente a vilas e cidades.

Ainda segundo o professor Antonio Grilo, na região do município de São João Batista do Glória, logo depois da serra Preta, no caminho para o vão da Babilônia, existiu um quilombo bem movimentado, que ficou conhecido com o nome de Quilombo da Canastra. Não tão grande como o do Campo Grande e outros, amplamente estudados por vários

¹² Glória - *Memórias da Cidade de São João Batista*, p. 29.1999.

historiadores mineiros¹³.

Havia muitas trilhas e picadas ligando o quilombo às faiscagens, os lugares de garimpo, os ribeirões e eventuais esconderijos, o que demonstra que havia troca e cooperação entre os negros fugidos e os brancos e pardos pobres moradores das taperas erguidas junto às faisqueiras. A roça era a atividade principal. Mandioca, milho, abóbora, acarás, quiabos, jilós, chuchus. E muitas bananeiras. Agricultura de subsistência, ou sobrevivência, não precisava ser exagerada. Apenas o bastante para alimentar a todos e sobrar alguma coisa para troca com outros produtos. Curioso pensar que a palavra “roça”, ainda é largamente utilizada no vocabulário popular regional, agora, não com a noção de agricultura de subsistência, mas com a noção de campo. Ir à fazenda ou ao sítio é “ir pra roça” nos dias de hoje.

O fato dos quilombos serem sítios isolados nos sertões, mais ou menos escondidos do mundo, fez com que se desenvolvesse um tipo de vida muito simples e as relações entre seus habitantes e aqueles com os quais tinham contato, também fossem simplificadas, possibilitando a utilização conjunta da terra e os recursos naturais, sem que cada um necessitasse definir uma propriedade privada. Este princípio negava a prática dos grandes senhores que foram se instalando na região, para quem a terra e os negros eram apenas patrimônios. A perseguição sistemática aos índios e a caça desenfreada aos negros fugidos e a destruição de seus quilombos, tinham uma razão ideológica: impedir que a prática de propriedade comunitária, onde todos podiam usar de todos os recursos, inclusive de trabalho comum na realização de tarefas maiores como a roça. Ainda hoje, no vão da Babilônia, encontramos uma prática interessante: as colheitas são realizadas em sistema de mutirão, sem a utilização de maquinários, onde um ajuda o outro nessa tarefa.

¹³ Em seu livro *Quilombo do Campo Grande – a História de Minas Roubado do Povo*, o historiador Tarcisio José Martins (1995) traz um relato detalhado dos diversos quilombos da região dos sertões.

3.5 A DESTRUIÇÃO DOS QUILOMBOS

Em 1731, um bandeirante paulista chamado Batista Maciel, andou explorando o Alto do São Francisco, descobrindo ouro no rio Piumhi. Voltando a Pitangui, de onde partira, motivou a organização de uma expedição que levava à frente o vigário de Pitangui, Pe. Luís Damião e o procurador da câmara, João Veloso Falcão. E tomaram posse da região, celebrando, o padre, a primeira missa no sertão de Piumhi. Embora o ouro não tivesse a grandeza que se esperava, outras expedições foram organizadas e, toda vez que achavam indícios ou as faiscagens começavam a render quantidades animadoras, os governantes procuravam expulsar os “vadios e bandidos” (os brancos pobres, sem escravos e sem recursos) e doavam as terras e as faisqueiras aos que tinham recursos e escravos para explorar o ouro e pagar a parte devida ao governo. A partir daí passou-se a incentivar a abertura de picadas pelo sertão adentro – o que antes era até proibido – para facilitar a procura do ouro e recebimento do quinto. Foram abertos muitos caminhos, entre os quais, a picada de Goiás (que passava por Candeias, córrego da Formiga, Tapera do Pium-i, Porto real e depois sertão) o caminho do Desemboque (ou aminho dos paulistas que, da Mantiqueira desciam o rio Sapucaí, alcançavam o rio Grande até a altura do arraial do Espírito Santo da Forquilha – hoje Delfinópolis – dobravam a serra das Sete Voltas em direção à vila do Desemboque e daí para frente o sertão).

Havia ainda uma outra picada que vinha de Piumhi (saindo da própria picada de Goiás), em direção ao sítio do Desemboque, passando pelo vale entre o rio Grande e a serra da Canastra. São João Batista do Glória surgiu justamente como uma das paradas, ou pousos, no meio desse caminho¹⁴.

Mas a abertura desses caminhos trouxe um problema: atravessavam regiões onde existiam, além do ouro, muitos quilombos. Alguns grandes como o do Sapucaí e do Ambrósio, no Campo Grande (caminho de Goiás), outros menores e mais escondidos, como o da Ventania, do Zundu (no Jacuhy) e o da Canastra (na nossa região)¹⁵. O governo das Minas

¹⁴ Informações retiradas do livro Glória – Memórias da Cidade de São João Batista, p38/39.

¹⁵ idem

autorizou os capitães-do-mato, os mestres de Campo e todos os senhores que tivessem escravos e milícias próprias, a fazerem guerra contra os quilombos. Em troca, o reino lhes daria as terras que conquistassem através de títulos de sesmarias. A campanha contra os quilombos foi intensa e violenta e em poucos anos tinham sido todos destruídos. Os vencedores foram recompensados, conforme o prometido pelo governo, que também incentivou a vinda de muitos casais das ilhas portuguesas para se fixarem nos sertões, a quem também doava terras.

3.6 CIDADE DAS CACHOEIRAS – ENTRE O RIO E A SERRA

Fig. 6 – Montanhas e cachoeiras

Vista parcial da Serra da Canastra/MG

<http://www.serracanastra.com.br/cidadesdaregiao/gloria.html>

O município de São João Batista do Glória tem uma localização privilegiada em todos os sentidos, principalmente no que se diz respeito à natureza. A área urbana estende-se por uma pequena elevação, conhecida como Morro do Glória, muito parecida a dezenas de outros morros que se perdem de vista de um lado a outro. Na parte mais alta, temos uma espécie de mirante, de onde se pode avistar a cidade aos nossos pés. Dali, também se avista mais ao sul, uma linha azul-prateada de um grande rio que vem do leste e segue em direção oeste. Para o lado norte vemos a linha recortada e azulada de uma grande montanha, que se estende também de um lado a outro, formando uma espécie de grande muralha. Assim nos deslumbramos com a paisagem, entre o rio e a serra, o que nos dá uma sensação de isolamento e proteção.

Ainda segundo as pesquisas do Prof. Antonio GRILO, antigamente o rio era chamado de Jeticahy e vinha do sul do estado, onde nascia ao pé da serra da Mantiqueira que, na época, também tinha outro nome: Jaguamimoaba. Bem mais tarde é que foram redenominados e o rio passou a se chamar rio Grande e a serra, da Mantiqueira.

Da grande montanha onde os primeiros moradores se instalaram em extensas fazendas, não se conhece a denominação mais antiga. Recebeu o nome de Serra da Canastra. A razão provável encontra-se no livro *Glória – Memórias da Cidade de São João Batista*, do Prof. Antonio GRILO: ‘canastra’ é uma espécie de baú de transportar coisas em lombos de burros, usado pelos tropeiros que seguiam em direção à nascente do rio São Francisco. Em seus vários trechos, a serra recebe nomes diferentes: Serra Negra, serra da Babilônia, serra Quebra Cangalha, Serra das Sete Voltas. Na extensão territorial do município temos Serra do Rolador, Serra da Prata, Serra do Baú, Serra das Palmeiras, Serra do Cigano e Serra Capão Alto. Esta seria a parte final do complexo que forma a Serra da Canastra, onde se encontra o Parque Nacional da Canastra, muito conhecido por ser berço da nascente do rio ‘mais genuinamente brasileiro’, o rio São Francisco.

E, entre o rio e a serra existe uma extensão de terras com pequenos morros, recortada por muitos córregos e ribeirões, recoberta por uma vegetação bem variada (que vai de espécies da Mata Atlântica à vegetação de cerrado) e terras férteis onde a agricultura e a pecuária sustentam em grande parte a economia do município.

Com tantos cursos d’água, são inúmeras as cachoeiras que, aliadas à topografia da região, recentemente abriram um novo campo de exploração econômica: o turismo, desdobrado em ecoturismo, turismo de aventura e turismo rural. A generosidade da natureza local pode ser comprovada na toponímia, pois cerca de 25% dos topônimos rurais são fitotopônimos (20,81%) e hidrotopônimos (4,05%). (Quadro 4, Gráfico 1).

3.7 RIQUEZAS NATURAIS – ENTRE O VERDE E O AZUL

Fig. 7 - Paisagem

Vista parcial Serra da Canastra/MG

<http://www.serracanastra.com.br/cidadesdaregiao/gloria.html>

“Em uma das belas regiões do Brasil, entre o Rio Grande e a Serra da Canastra, berço do Velho Chico, nasceu uma encantadora cidade. Montanhas, vales e ribeirões de águas cristalinas formam cenários perfeitos para se divertir e descansar.

O município possui inúmeros atrativos naturais como cachoeiras, montanhas, vales, represas, sítio arqueológico, entre outros. Possui ainda festas folclóricas e religiosas tradicionais como Encontro de Folia de Reis e Semana Santa. São João Batista do Glória é um verdadeiro paraíso escondido na região sudoeste de Minas Gerais.

A cidade guarda trilhas cheias de beleza, muitas quedas d’água, poços, tobogãs naturais e riachos. A natureza surpreende os exploradores com lagos naturais, quedas repartidas e formações rochosas belíssimas. Já no Ribeirão do Fumal, pode-se acompanhar as corredeiras por mais de quatro quilômetros de cânion”.

Variações do texto acima, acompanhadas de inúmeras fotos e imagens, podem ser encontradas em muitos folhetos e sites que mostram os mais belos roteiros turísticos, do Brasil. Quem não conhece a região pode até achar exagero. Afinal, onde encontramos esse ‘paraíso’? Quando as preocupações do mundo inteiro se voltam às consequências catastróficas do uso desordenado dos recursos naturais, o município torna-se um bom lugar para se refletir sobre isso.

Já é certo que hoje, mais do que ouro ou pedras preciosas, petróleo, soja ou biocombustíveis, a verdadeira riqueza que não podemos mais ignorar, é a natureza tal como criada por Deus. E, de preservá-la e manter seu equilíbrio, depende a sobrevivência da humanidade.

Fig. 8 – Serra do Quilombo e Cachoeira da Vitória

Imagem extraída de folheto turístico

3.8 MEIO AMBIENTE – CONSCIÊNCIA, PRESERVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

Devido a sua localização junto ao Parque Nacional da Canastra, a preocupação com o meio ambiente está inserida nas políticas públicas locais. A cidade foi uma das primeiras do sudoeste mineiro a implantar o sistema de coleta seletiva e uma usina de triagem e compostagem de lixo. Conta-se também com o interesse e a assessoria técnica da Hidrelétrica de Furnas, cujas turbinas geradoras estão parcialmente localizadas no município, que fornece mudas de árvores nativas para serem plantadas às margens de rios e nascentes, árvores frutíferas para a população da cidade, além de cuidar do repovoamento das espécies de peixes no lago e no rio Grande.

Todo o processo é direcionado e acompanhado pela Secretaria Municipal de Educação, numa clara preocupação de se preparar os jovens para cuidar do patrimônio natural do município. E isso tem dado bons resultados. Não são raras as vezes que encontramos jovens estudantes fazendo *blitz* junto às entradas da cidade para conscientizar os turistas e outros visitantes, e até mesmo a população local, da importância de se cuidar da natureza. Eles fazem a distribuição de sacolinhas plásticas para o lixo e manuais de orientação, para a preservação ambiental, contra o desmatamento e as queimadas, que até recentemente ainda eram feitas na zona rural.

As escolas (três municipais e uma estadual) desenvolvem, dentro de seus currículos e da proposta pedagógica de cada uma, projetos com o objetivo de incentivar e conscientizar os jovens e suas famílias a cuidar do meio ambiente.

Os símbolos municipais, o brasão e a bandeira, ostentam em sua constituição as riquezas do município: o céu, as águas abundantes, as montanhas, numa sugestiva alusão à vida tranqüila que se leva por essas bandas. A letra do hino municipal, de autoria da professora Júlia Guimarães Reis, também retrata essas riquezas e as qualidades hospitaleiras do povo do município.

Pode-se dizer que, simbolicamente, o cuidado com o meio ambiente é uma “bandeira” levantada pelo município, que já tem plena consciência do rico patrimônio que suas belezas naturais representam; e sabem também que todo plano de desenvolvimento que beneficie sua população tem que levar em conta a sustentabilidade dos projetos.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO DO CORPUS

Desde os primórdios de sua fundação, a economia do município baseou-se na exploração agropecuária, favorecida pelas terras férteis e vasta extensão territorial. Como já vimos em capítulo anterior, a ocupação do território foi lenta no início, pois as pessoas que para aqui vinham, inicialmente, visavam apenas a extração do ouro e as pedras preciosas. A agricultura e a pecuária tinham apenas o sentido de abastecer as necessidades daqueles que por aqui passavam.

Entretanto, o ouro e as pedras preciosas foram desaparecendo e as pessoas já haviam se fixado na região. Era necessário, então, estabelecer estruturas mínimas de habitação e inter-relações entre os habitantes do lugar. O território era grande, as distâncias, enormes, e as pessoas foram se agrupando, formando os núcleos rurais. A sede do município era base de encontro nos finais de semana, quando os ruralistas se reuniam para as missas e festividades religiosas.

4.1 OS BAIRROS RURAIS – REGIÕES E MICRORREGIÕES

A oficialização dos bairros rurais e suas denominações nasceu da necessidade de se regularizar a divisão da zona rural do município por regiões. Como havia mais de três dezenas de nomes de lugares e nem todos tinham sua extensão de área suficiente para ser considerados uma região¹⁶, optou-se por criar as microrregiões¹⁷, de modo a respeitar todas as nomenclaturas tradicionais. Esses denominativos tradicionais foram registrados na oralidade, transmitidos de geração em geração, mas também tiveram sua base documental através das menções desses nomes encontradas nas transmissões imobiliárias registradas em Notas no Ofício de Registro das Pessoas Naturais e Anexo, desde 1846¹⁸.

¹⁶ **Região** – (Do lat regione) S.f. 1. Grande extensão de terreno. 2. Território que se distingue dos demais por possuir características (clima, produção, etc.) próprias. [...] **Região fisiográfica**. Geog. Região que se distingue de outras segundo critérios geográficos (físicos, humanos, econômicos) formando um conjunto coerente e original.

¹⁷ **Microrregião** – (De micr(o) + região) S.f. Geog. Subdivisão de uma região natural

¹⁸ Inicialmente os registros eram feitos pelo Juizado de Paz

As divisas de uma região com outra foram determinadas, primordialmente pelos cursos d'água – córregos e ribeirões – e depois pelas estradas rurais. E muito raramente por divisas de propriedades. Nas entrevistas realizadas, muitas vezes aparecem denominativos tradicionais para os habitantes locais, mas que não foram oficializados como sendo regiões ou microrregiões pela pequena extensão de terras que representavam.

Entenda-se que aqui, os antigos bairros rurais, oficialmente se tornaram as regiões e microrregiões, num total de quarenta, sendo nove regiões e trinta e uma microrregiões. Das nove regiões, apenas a região do Quebra Anzol não é subdividida em microrregiões. Para uma melhor elucidação da questão, transcrevemos abaixo, um trecho da lei municipal que oficializou as denominações:

“Artigo 4º. – Desde antes de sua emancipação político-administrativa, ainda que não oficializado por ato normativo, São João Batista do Glória já tinha seu território rural subdividido em regiões, por via de transmissão oral de geração em geração. Embora oficiosamente, as nomeações de regiões sempre foram uma constante em atos transmissivos e registratórios de direitos reais e em documentos públicos, desde os de nível municipal até aos de nível federal. Especialmente para ratificar essa transmissão de informações através de gerações é que esta lei vem oficializar as nomeações de cada região da zona rural do município.

Artigo 5º. – Ao todo, os tratamentos conhecidos e difundidos verbalmente são em número de 32 (trinta e dois). Como o número razoável dos lugares tem tamanho reduzido, não cabendo a todos, portanto, ser tratado por uma região propriamente dita, por fidelidade ao tratamento secular de cada uma, assim fica determinada a subdivisão:

I – Consideradas principais, em número de 9 (nove), são as regiões;

II – Consideradas secundárias, em número de 23 (vinte e três), são as microrregiões, distribuídas por integração às regiões, conforme a tradição.

Parágrafo único – À exceção da região do Quebra Anzol, de área menos atraente para o cultivo, que não tem subdivisão territorial, todas as outras têm na sua subdivisão, uma microrregião com seu próprio nome, do que resulta o somatório constante do caput do presente artigo.

Artigo 6º. – As nove regiões são as seguintes, dispostas por ordem alfabética:

1- BREJO;

2- CAMBAÚBAS;

3- CANTEIROS;

4- CAPETINGA;

5- ESMERIL;

6- FUMAL;

7- MORRO DO GLÓRIA;

8- PALMEIRAS; e

9- QUEBRA ANZOL.

Parágrafo único – De per si, as 8 (oito) regiões que têm subdivisão microrregional, são assim dispostas por ordem alfabética, exceção da microrregião com o mesmo nome da região que vem em primeiro lugar, quando o caso:

1- BREJO:

1.1 - Brejo;

1.2 – Fazenda Velha;

1.3 – Morro Grande; e

1.4 – Praia Vermelha.

2- CAMBAÚBAS:

2.1 – Cambaúbas;

2.2 – Escuta; e

2.3 – Lagoa.

3- CANTEIROS:

3.1 – Canteiros;

3.2 – Quilombo; e

3.3 – Retiro da Prata.

4- CAPETINGA:

4.1 – Capetinga;

4.2 – Jaraguá; e

4.3 – Mata dos Goularts.

5- ESMERIL:

5.1 – Esmeril;

5.2 – Cafundó; e

5.3 – Lambari.

6- FUMAL:

6.1 – Fumal;

6.2 – Fumalzinho; e

6.3 – Talhados.

7- MORRO DO GLÓRIA:

7.1 – Morro do Glória;

7.2 – Campo do Caju;

7.3 – Carrapichos;

7.4 – Porto do Glória;

7.5 – Porto Velho; e

7.6 – Três Mata-burros.

8 – PALMEIRAS:

8.1 – Palmeiras;

8.2 – Capão Grande;

8.3 – Letreiro;

8.4 – Ponte Alta;

8.5 – Ruinha; e

8.6 – Taboas.

Artigo 7º. – O traçado das linhas divisórias das regiões e microrregiões, ora oficializado pela presente lei, foi considerado primordialmente em cursos d'água, secundariamente em estradas de rodagem, e só em último caso, em divisas de propriedades; ainda que em algum dos pontos das linhas de divisa tenha havido alteração no traçado tradicionalmente conhecido.

§ 1º. – As linhas divisórias foram consideradas no eixo (centro) do curso d'água ou da estrada demarcatórios. Implicando essa condição que, na divisa entre duas regiões, nas linhas divisórias, de um lado, seja do curso d'água seja da estrada, é uma região; do outro lado é outra região.

[...]"

4.2 AS PONTES – HOMENAGENS OFICIALIZADAS

A necessidade se oficializar os nomes das regiões e microrregiões, surgiu quando da elaboração do Sistema Rodoviário Municipal, trabalho elaborado pelo engenheiro Valdir BARBOSA. Na ocasião, auxiliado pelo titular do Cartório de Registro, sr. Zoroastro de SIMONE, desenvolveu um trabalho peculiar, a busca pelas origens de todas as denominações. Um trabalho toponímico inicial e de grande valor.

Como reconhecimento do valor das informações prestadas pelos informantes entrevistados pelos autores do referido trabalho, surgiu a idéia de homenageá-los por ocasião da nomeação das pontes existentes nas estradas que cruzavam os diversos cursos d'água do município. Este tipo de acidente físico, as pontes, não tem necessariamente nome, daí a idéia da homenagem, oficializada através da Lei Municipal nº 1000, de 1º. de junho de 2000:

“Artigo 9º. – Para efeito da oficialização das regiões rurais e suas microrregiões, as pontes principais que existem sobre os vários cursos d'água do município e ainda sem denominação, serão nominadas por força da presente lei. A nomeação pessoal foi feita considerando a tradicionalidade de moradores do lugar; relativamente ao passado recente do Município. Assim, considerando-se a situação presente, é estabelecido o seguinte:

I – no ribeirão Capetinga, a partir de sua nascente, até sua foz no rio Grande e na ordem de seqüência, há quatro pontes:

- a) ponte Sebastião Costa e Silva (ponte Tião Belardo);
- b) ponte Normélio da Fonseca (ponte Filipe);
- c) ponte Braz de Souza Vieira (ponte Braz de Souza); e
- d) ponte Antônio Alves Pereira (ponte Antôin Nego).

II – no ribeirão Esmeril, a partir de sua nascente, até sua foz no rio Grande e na ordem de seqüência, há cinco pontes:

- a) ponte Leonel Alves;
- b) ponte Expedito Costa de Paula;
- c) ponte Cândido Gomes dos Reis (ponte Candinho Gomes);
- d) ponte Genaro Batista dos Santos; e
- e) ponte Sabino Beraldo.

III – no ribeirão Funal, a partir de sua nascente, até sua foz no rio Grande e na ordem de seqüência, há duas pontes:

- a) ponte José Vilela; e
- b) ponte Antonio Zacarias Pereira (ponte Tõin Caria).

IV – no ribeirão Grande, a partir do ponto em que passa a confrontar com o município, até sua foz no rio Grande e na ordem de seqüência, há a ponte José Ferreira Lemos (ponte Juquinha Quirino).

V – no córrego do Augusto, a partir de sua nascente até sua foz no ribeirão Capetinga, há a ponte Aurelina Alvina de Jesus (ponte Dona Orela).

VI – no córrego do Cigano, a partir de sua nascente, até sua foz no ribeirão Fumal e na ordem de seqüência, há a ponte José Soares de Rezende.

VII – no córrego do Engenho, a partir de sua nascente, até sua foz no ribeirão Capetinga, há duas pontes:

- a) ponte Eustáquio Maciel da Costa (ponte Eustáquio); e
- b) ponte dos Aleixos.

VIII – no córrego Fumalzinho, a partir de sua nascente, até sua foz no ribeirão Fumal, há a ponte Alfredo Mariano da Costa (ponte Feduca).

IX – no córrego Lambaria, a partir de sua nascente, até sua foz no ribeirão Esmeril, há a ponte Liros e Purcenas.

X – no córrego Moreira, a partir de sua nascente, até sua foz no rio Grande, há a ponte Calixtrato Pinto de Carvalho (ponte Calixtrato).

XI – no córrego da Ruinha, a partir de sua nascente, até sua foz no ribeirão Capetinga, na ordem de seqüência, há duas pontes:

- a) ponte Florisbela da Luz (ponte Dona Bela); e
- b) ponte Bertolina Maria de Jesus (ponte Bertolina).

XII – no córrego das Taboas, a partir de sua nascente, até sua foz no ribeirão Capetinga, há a ponte Ana Rosa Evangelista (ponte Ana Rosa).

XIII – no córrego dos Venturas, a partir de sua nascente até sua foz no ribeirão Capetinga, há a ponte Franégio Cândido da Silva (ponte Nego Ventura).

XIV – no córrego Fundo, a partir de sua nascente, até sua foz no ribeirão Canteiros, há a ponte José David Felicíssimo (ponte Zé David).

Parágrafo único – À existência de novas estradas depois da promulgação da presente lei, que impliquem no seu trajeto a construção de novas pontes em quaisquer dos cursos d'água relacionados no presente artigo, e que alterem a seqüência dispostas, deverá haver um ato normativo que reordene a disposição seqüencial das pontes, sempre buscando-se clareza no entendimento.
[...]"

Concluindo a análise toponímica sobre a denominação das pontes, observamos que, embora na lei municipal sejam identificadas por nome, sobrenome e apelido, no mapa oficial, base do nosso levantamento, são apresentados apenas os apelidos. Essa é uma característica marcante do regionalismo mineiro.

4.3 A PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA PELOS TOPÔNIMOS

Na história do município e região, vemos claramente que aqueles que habitaram o território desde os tempos mais remotos, deixaram suas influências. Os indígenas, o colonizador europeu e seus descendentes e, posteriormente, os negros, deixaram marcas profundas na toponímia. No levantamento historiográfico realizado, percebemos que a história do município não transcorreu de maneira tranqüila e linear. Vários conflitos precederam a chamada tranqüilidade dos dias de hoje. Ouvimos muitas histórias ligadas aos mandos e desmandos dos “coronéis”, sem falar das atrocidades cometidas na perseguição e destruição dos quilombos.

No que se refere à Toponímia, percebemos que desde a doação da sesmaria da Glória, os designativos locais estavam intimamente ligados ao possuidor da terra, identificando seus proprietários, sua procedência e até mesmo a devoção religiosa. O principal denominativo do lugar, o nome do município (um hagiotopônimo) *São João Batista do Glória*, desde que o definiu como um povoado (arraial, distrito, município) manteve-se fiel à exaltação religiosa, que era comum naquela época: o santo - *São João Batista* - mais o lugar de procedência - *do Glória* (desconsiderando-se aqui o desvio gramatical) – lugar de origem dos primeiros donatários, que provavelmente vieram de um lugarejo português dedicado a Nossa Senhora da Glória, que inspirou o nome da primeira grande fazenda da região – a Fazenda da Glória.

Do ponto de vista lingüístico, os portugueses que aqui chegaram, tal como faziam os romanos e outros povos dominadores, impuseram sua língua. No contato, segundo DICK (2004) a língua dominante prevalece sobre a dominada. O português falado pelos primeiros colonizadores

[...] representava um eixo axiológico de valores, pressupondo a posse e o domínio da terra, a relação dominante/dominado, com suas conseqüências culturais, a fixação do poder eclesiástico e do poder temporal monárquico. (DICK, 2004: p.52)

Tomando por base a relação terra/possuidor-possuidor/terra vimos que o antropônimo se fortaleceu fixando o denominativo inicial, mesmo que o possuidor da terra não tenha se fixado nela por muito tempo e mesmo que não haja mais nenhuma ligação entre ele ou seus

descendentes e o lugar nomeado. A tradição manteve os designativos iniciais, fixando-os e mantendo-os vivos pela oralidade na memória de seus habitantes.

O topônimo, assim, vai deixando de ser apenas um instrumento de marcação ou de identificação de lugares para se transformar em um fundo de memória de natureza documental tão valiosa e significativa como os textos escritos.

O sistema denominativo criado a partir das unidades do vocabulário em uso ou das palavras valorizadas pelo denominador representa, como dissemos, hábitos, costumes, ideais políticos, morais, religiosos, privilegiados pela coletividade da qual o nomeador é uma consequência ou o resultado de uma elaboração mental introjetada. (DICK, 1990: p.357).

Na microrregião da Mata dos Goularts não identificamos propriedades que pertençam aos descendentes dos primeiros habitantes da região (historicamente os irmãos Goularts). No entanto o denominativo foi tradicionalmente mantido até os dias de hoje. Esse não é o único exemplo. Outros topônimos também conservaram o nome de seus primeiros, ou pelos menos dos mais antigos, proprietários e habitantes (microrregião de Talhados, córrego dos Venturas, dos Quirinos, dos Arrudas, dos Hilários, dos Neca, do Quinca, etc.). Há ainda a se considerar a pluralização dos nomes, fortalecendo o conceito de ‘família dominante’ de determinada área.

Esse modo de nomeação é uma tendência da toponímia local, pois, nos dias de hoje, ainda encontramos ilha do Zé Nelson, ilha do Ângelo, campo do Adão, etc.

Assim, o estudo da motivação toponímica dos denominativos do lugar pode demonstrar uma parte importante da evolução histórica e social do município, a partir do reconhecimento dos seus primeiros habitantes, os indígenas, passando-se pela fixação dos que os seguiram, os bandeirantes portugueses, os negros fugitivos, os aventureiros pobres, enfim, por cada um que contribuiu para a formação de uma comunidade detentora de tradições culturais tão diversas.

4.4 CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA

A presente classificação foi realizada de acordo com a taxionomia proposta por DICK (1992). Cada denominativo gerou uma ficha lexicográfica, como o exemplo abaixo:

4.4.1 - AS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS

7.4.5 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural		
TOPÔNIMO: Cambaúbas	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Etnotopônimo (*)
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t.composto (cambá + ubá)		
ENTRADA LEXICAL: Não consta em dicionários		
ETIMOLOGIA: Vide histórico e informações enciclopédicas Possibilidades: 1- derivação de Candiubá (espécie de gramínea, capim ou bambu); 2- derivação por justaposição de cambá (guarani) + ubá (tupi) Nova informação: derivação de Cambá + aiubá (ruim – negro ruim)		
HISTÓRICO: São três as teorias levantadas para justificar o nome da microrregião de Cambaúbas. A primeira é a de que, do mesmo modo que outras regiões no município têm sua denominação originada num dos frutos da terra destinados à alimentação animal. Dentre os milhares de espécimes de gramíneas há a ‘canbiubá’. Há indícios que, na região, havia uma grande quantidade desse capim, uma espécie de bambu nativo que também era empregado na confecção de balaies e cestos. A segunda teoria aventa a possibilidade de que o nome poderia ter sido uma variação deformada de escambal ou escambalbar, verbo derivado de ‘escambo’, praticado na região do porto do Gordurinha, em tempos remotos. A terceira possibilidade, talvez a mais concreta, faz referência à origem indígena da palavra: seria a junção de ‘cambá’ (do guarani) designação dada aos negros brasileiros durante a Guerra do Paraguai + ubá (tupi), espécie de embarcação sem quilha e sem banco, constituída de um só lenho, escavado à fogo, que pretejava a madeira, ou de uma casca inteiriça de árvore, cujas extremidades eram atadas com cipós”. (*) O topônimo Cambaúbas pode ser classificado como Fitotopônimo ou Etnotopônimo , de acordo com a origem que considerarmos.		

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Na região de Cambaúbas, é de conhecimento popular que ali as fazendas empregavam mão de obra escrava. E a existência do porto do Gordurinha no lugar em questão, fornece-nos a grande possibilidade de ter havido ali rústicas canoas indígenas, que faziam a travessia de tropeiros, mascates e outras pessoas que por ali se aventuravam, conduzidas provavelmente por escravos. As canoas (ubás) tinham a cor enegrecida. Assim, a origem da palavra cambaúba, provavelmente, saiu da junção das duas palavras indígenas: cambá + ubá, cujo significado seria canoa preta (pela cor) ou canoa + negro, que a conduzia. E Cambaúbas, no plural, por haver mais de uma (BARBOSA, SIMONE, 2000)

CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Mapa Rodoviário Municipal Complementado

FONTE: Mapa Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas

PESQUISADOR: Divenia

REVISOR: Dick

DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007

4.4.2 – Quadro classificatório dos topônimos

Para a classificação de cada topônimo, levamos em consideração a motivação denominativa. Em alguns casos, quando detectamos mais de uma versão oral, classificamos de acordo com a hipótese considerada mais segura, historicamente.

Quadro 3 – Classificação dos topônimos

QT.	LOCALIZAÇÃO	ACIDENTE	TIP O	TOPÔNIMO	CLASSIFICA- ÇÃO
1		Município	AH	São João Batista do Glória	Hagiotopônimo
2	Município – Zona Rural	Região	AH	Brejo ¹⁹	Geomorfotopônimo
3	Município – Zona Rural	Região	AH	Cambaúbas ²⁰	Etnotopônimo
4	Município – Zona Rural	Região	AH	Canteiros	Morfotopônimo
5	Município – Zona Rural	Região	AH	Capetinga	Fitotopônimo
6	Município – Zona Rural	Região	AH	Esmeril	Litotopônimo
7	Município – Zona Rural	Região	AH	Fumal	Fitotopônimo
8	Município – Zona Rural	Região	AH	Morro do Glória	Geomorfotopônimo
9	Município – Zona Rural	Região	AH	Palmeiras	Fitotopônimo
10	Município – Zona Rural	Região	AH	Quebra-anzol	Dirrematopônimo
11	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Brejo	Geomorfotopônimo
12	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Fazenda Velha	Cronotopônimo
13	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Morro Grande	Geomorfotopônimo
14	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Praia Vermelha	Geomorfotopônimo
15	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Cambaúbas	Etnotopônimo
16	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Escuta	Ergotopônimo
17	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Lagoa	Hidrotopônimo
18	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Canteiros	Morfotopônimo

	Rural				
19	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Quilombo	Etnotopônimo
20	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Retiro da Prata	Sociotopônimo
21	Município- Zona Rural	Micro-região	AH	Capetinga	Fitotopônimo
22	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Fumal	Fitotopônimo
23	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Morro do Glória	Geomorfotopônimo
24	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Palmeiras	Fitotopônimo
25	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Cafundó	Ergotopônimo
26	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Lambari	Zootopônimo
27	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Jaraguá	Fitotopônimo
28	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Fumalzinho	Fitotopônimo
29	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Mata dos Goulart	Fitotopônimo
30	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Talhados	Antropotopônimo
31	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Esmeril	Litotopônimo
32	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Campo do Caju	Fitotopônimo
33	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Carrapicho	Fitotopônimo
34	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Porto do Glória	Geomorfotopônimo
35	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Porto Velho	Cronotopônimo
36	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Três Mata-burros	Numerotopônimo
37	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Capão Grande	Fitotopônimo
38	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Letreiro	Ergotopônimo
39	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Ponte Alta	Hodotopônimo
40	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Ruinha	Hodotopônimo
41	Município – Zona Rural	Micro-região	AH	Taboas	Fitotopônimo
42	Região Morro do	Ponte	AH	Genaro Batista dos	Antropotopônimo

	Glória			Santos	
43	Região Morro do Glória	Ponte	AH	Sabino Beraldo	Antropotopônimo
44	Região Capetinga	Ponte	AH	Normélio da Fonseca (Felipe)	Antropotopônimo
45	Região Capetinga	Ponte	AH	Braz de Souza Vieira (Braz e Souza)	Antropotopônimo
46	Região Capetinga	Ponte	AH	Antonio Alves Pereira (Antôin Nego)	Antropotopônimo
47	Região Capetinga	Ponte	AH	Aurelina Alvina de Jesus (Dona Orela)	Antropotopônimo
48	Região Capetinga	Ponte	AH	Franégio Cândido da Silva (Nejo Ventura)	Antropotopônimo
49	Região Palmeiras	Ponte	AH	Sebastião Costa e Silva (Tião Belardo)	Antropotopônimo
50	Região Palmeiras	Ponte	AH	José Ferreira Lemos (Juquinha Quirino)	Antropotopônimo
51	Região Palmeiras	Ponte	AH	Eustáquio Maciel da Costa (Eustáquio)	Antropotopônimo
52	Região Palmeiras	Ponte	AH	Dos Aleixos	Antropotopônimo
53	Região Palmeiras	Ponte	AH	Florisbela da Luz (Dona Bela)	Antropotopônimo
54	Região Palmeiras	Ponte	AH	Bertolina Maria de Jesus (Bertolina)	Antropotopônimo
55	Região Palmeiras	Ponte	AH	Ana Rosa Evangelista (Ana Rosa)	Antropotopônimo
56	Região Canteiros	Ponte	AH	José David Felicíssimo (Zé David)	Antropotopônimo
57	Região Esmeril	Ponte	AH	Leonel Alves	Antropotopônimo
58	Região Esmeril	Ponte	AH	Exedito Costa de Paula	Antropotopônimo
59	Região Esmeril	Ponte	AH	Cândido Gomes dos Reis (Candinho Gomes)	Antropotopônimo
60	Região Esmeril	Ponte	AH	Liros & Purcenas	Antropotopônimo
61	Região Fumal	Ponte	AH	José Vilela	Antropotopônimo
62	Região Fumal	Ponte	AH	Antonio Zacarias Pereira (Tôin Cária)	Antropotopônimo
63	Região Fumal	Ponte	AH	José Soares de Rezende	Antropotopônimo
64	Região Fumal	Ponte	AH	Alfredo Mariano da Costa (Feduca)	Antropotopônimo
65	Região Cambaúbas	Ponte	AH	Calixtrato Pinto de Carvalho (Calixtrato)	Antropotopônimo
66	Zona Urbana	Ponte	AH	Manoel Alves Pereira	Antropotopônimo

				(Mané Alves)	
67	Zona Urbana	Ponte	AH	dos Arcos	Ergotopônimo
68	Zona Urbana	Ponte	AH	João Chico	Antropotopônimo
69	Zona Urbana	Ponte	AH	Pedro Vilela	Antropotopônimo
70	Zona Rural	Rio	AF	Grande	Dimensiotopônimo
71	Zona Rural	Ribeirão	AF	Grande	Dimensiotopônimo
72	Zona Rural	Ribeirão	AF	Capetinga	Fitotopônimo
73	Zona Rural	Ribeirão	AF	do Esmeril	Litotopônimo
74	Zona Rural	Ribeirão	AF	Fumal	Fitotopônimo
75	Zona Rural	Ribeirão	AF	das Capivaras	Zootopônimo
76	Zona Rural	Ribeirão	AF	Quebra-Anzol	Dirrematopônimo
77	Zona Rural	Ribeirão	AF	Mococa	Sociotopônimo
78	Zona Rural Brejo	Córrego	AF	da Escola	Sociotopônimo
79	Zona Rural Brejo	Córrego	AF	do Brejo	Geomorfotopônimo
80	Zona Rural Brejo	Córrego	AF	Morro Grande	Geomorfotopônimo
81	Zona Rural Brejo	Córrego	AF	do Peru	Zootopônimo
82	Zona Rural Brejo	Córrego	AF	Luanda	Corotopônimo
83	Zona Rural Brejo	Córrego	AF	da Praia	Geomorfotopônimo
84	Zona Rural Brejo	Córrego	AF	do Icolino	Antropotopônimo
85	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	Canoas	Ergotopônimos
86	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	Três Mata-burros	Numerotopônimo
87	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	do Ipê	Fitotopônimo
88	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	da Chácara	Sociotopônimo
89	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	Curva dos Lopes	Geomorfotopônimo
90	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	do Omar	Antropotopônimo
91	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	do Tanque	Hidrotopônimo
92	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	Carrapicho	Fitotopônimo
93	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	do Jatobá	Fitotopônimo
94	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	dos Quirinos	Antropotopônimo
95	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	do Menigídio	Antropotopônimo
96	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	do Lavapés ²¹	Ergotopônimo
97	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	da Ricardina	Antropotopônimo
98	Z. Rural – Morro do Glória	Córrego	AF	dos Venturas	Antropotopônimo

99	Z. Rural – Capetinga	Córrego	AF	Seco	Geomorfotopônimo
100	Z. Rural – Capetinga	Córrego	AF	do Augusto	Antropotopônimo
101	Z. Rural – Capetinga	Córrego	AF	dos Goularts	Antropotopônimo
102	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	dos Arrudas	Antropotopônimo
103	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	Taboas	Fitotopônimo
104	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	Ruinha	Hodotopônimo
105	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	Pereira	Antropotopônimo
106	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	do Boqueirão	Geomorfotopônimo
107	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	do Engenho (Mata do Engenho)	Fitotopônimo
108	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	do Barreiro	Geomorfotopônimo
109	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	Garrida	Geomorfotopônimo
110	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	do Capão Grande	Fitotopônimo
111	Z. Rural – Palmeiras/Fumal	Córrego	AF	Tamanduá	Zootopônimo
112	Z. Rural – Palmeiras	Córrego	AF	Maria Augusta	Antropotopônimo
113	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	dos Neca	Antropotopônimo
114	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	do Quilombo	Etnotopônimo
115	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	dos Canteiros	Morfotopônimo
116	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	do Café	Fitotopônimo
117	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	da Cabeceira	Hidrotopônimo
118	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	do Galheiro	Zootopônimo
119	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	da Tapera	Ecotopônimo
120	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	do Barulho	Ergotopônimo
121	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	da Taquara	Fitotopônimo
122	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	da Estiva	Sociotopônimo
123	Z. Rural – Canteiros	Córrego	AF	Fundo	Dimensiotopônimo
124	Z. Rural – Fumal	Córrego	AF	Fumalzinho	Fitotopônimo
125	Z. Rural – Fumal	Córrego	AF	do Capão	Fitotopônimo
126	Z. Rural – Fumal	Córrego	AF	do Capão da Erva	Fitotopônimo
127	Z. Rural – Fumal	Córrego	AF	da Olaria	Sociotopônimo
128	Z. Rural – Fumal	Córrego	AF	da Bamba	Ergotopônimo
129	Z. Rural – Fumal	Córrego	AF	do Baiano	Etnotopônimo
130	Z. Rural – Fumal	Córrego	AF	do Cigano	Etnotopônimo
131	Z. Rural – Fumal	Córrego	AF	do Lajeado	Geomorfotopônimo
132	Z. Rural – Fumal	Córrego	AF	da Carapuça	Ergotopônimo
133	Z. Rural – Esmeril	Córrego	AF	do Rolador	Ergotopônimo
134	Z. Rural – Esmeril	Córrego	AF	do Sobradinho	Sociotopônimo
135	Z. Rural – Esmeril	Córrego	AF	dos Inhames	Fitotopônimo
136	Z. Rural – Esmeril	Córrego	AF	Cafundó	Ergotopônimo
137	Z. Rural – Quebra Anzol	Córrego	AF	Gairoba	Fitotopônimo
138	Z. Rural – Cambaúbas	Córrego	AF	Do Bambu	Fitotopônimo
139	Z. Rural – Cambaúbas	Córrego	AF	Do Açude	Hidrotopônimo

140	Z. Rural – Cambaúbas	Córrego	AF	Aroeiras	Fitotopônimo
141	Z. Rural – Cambaúbas	Córrego	AF	Moreira	Antropotopônimo
142	Z. Rural – Cambaúbas	Córrego	AF	do Quinca	Antropotopônimo
143	Zona Rural	Serra	AF	do Rolador	Ergotopônimo
144	Zona Rural	Serra	AF	da Prata	Litotopônimo
145	Zona Rural	Serra	AF	do Baú	Morfotopônimo
146	Zona Rural	Serra	AF	das Palmeiras	Fitotopônimo
147	Zona Rural	Serra	AF	do Cigano	Etnotopônimo
148	Zona Rural	Serra	AF	Capão do Alto	Geomorfotopônimo
149	Zona Rural	Cachoeira ²²	AF	do Ribeirão Grande	Hidrotopônimo
150	Zona Rural	Cachoeira	AF	dos Hilários	Antropotopônimo
151	Zona Rural	s/ref Planície	AF	Chapadão	Geomorfotopônimo
152	Zona Rural	s/ref Planície	AF	Campo Grande	Geomorfotopônimo
153	Zona Rural	s/ref Falha geológica	AF	Buraco da Nega	Geomorfotopônimo
154	Zona Rural	s/ref Mirante	AF	Mirante dos Canteiros	Geomorfotopônimo
155	Zona Rural	s/ref Campo	AF	Buracão	Geomorfotopônimo
156	Zona Rural	s/ref Vale	AF	Escuta do Ribeirão Grande	Dirrematopônimo
157	Zona Rural	s/ref Morro	AF	Morro Grande	Geomorfotopônimo
158	Zona Rural	s/ref Campo de futebol	AH	Campo do CDC	Sociotopônimo
159	Zona Rural	s/ref Campo de futebol	AH	Campo do Nem	Sociotopônimo
160	Zona Rural	s/ref Campo de futebol	AH	Campo do Adão	Sociotopônimo
161	Zona Rural	s/ref Árvore – marco de localização	AH	Figueira	Fitotopônimo
162	Zona Rural	s/ref Marco religioso	AH	Cruzeiro	Hierotopônimo
163	Zona Rural	s/ref Sítio Arqueológico	AH	Letreiro	Ergotopônimo
164	Zona Rural	s/ref Região	AF	Lagoa do Ribeirão Grande	Hidrotopônimo
165	Zona Rural	s/ref Região	AH	Porto do Gordurinha	Fitotopônimo
166	Zona Rural	s/ref Estância	AH	Paraíso Perdido	Sociotopônimo
167	Zona Rural	s/ref Cachoeira	AF	Cascata	Hidrotopônimo
168	Zona Rural	s/ref Lago/Cachoeira	AF	Tacha	Morfotopônimo
169	Zona Rural	s/ref Cachoeira	AF	Maria Augusta	Antropotopônimo

170	Zona Rural	s/ref Cachoeira	AH	Mata do Engenho	Fitotopônimo
171	Zona Rural	s/ref Praia fluvial	AH	Tango	Sociotopônimo/ Antropotopônimo
172	Zona Rural	Pousada	AH	das Paineiras	Fitotopônimo
173	Zona Rural	Pousada	AH	das Orquídeas	Fitotopônimo
174	Zona Rural	Clube Náutico	AH	Mauro Ferraz, Engº	Antropotopônimo
175	Zona Rural	Ilha	AF	do Zé Nelson	Antropotopônimo
176	Zona Rural	Ilha	AF	do Ângelo	Antropotopônimo
177	Zona Rural	Usina Hidrelétrica	AH	De Furnas	Sociotopônimo
178					

¹⁹ Brejo, Cambaúbas, Canteiros, Capetinga, Esmeril, Fumal, Morro do Glória e Palmeiras, são nomes de regiões e também micro-regiões.

²⁰ O topônimo Cambaúbas pode ser classificado de duas maneiras dependendo de sua origem etimológica: se considerarmos que é uma variação de ‘canbiúba’ – espécie de gramínea, seria um *fitotopônimo*; se considerarmos que é uma junção da ‘cambá’ (nome que se dava aos negros durante a Guerra do Paraguai) + ‘ubá’ (espécie de embarcação indígena), podemos classificá-lo como um *etnotopônimo*. Aqui, optamos pela segunda hipótese. Salientamos também que as hipóteses aqui consideradas foram registradas na literatura fonte de pesquisa.

²¹ O termo *Lavapés* refere-se a uma ação propriamente dita (de lavar os pés) e não faz referência ao acontecimento bíblico. Os moradores da zona rural, quando se dirigiam à sede do município para acontecimentos sociais ou festas religiosas, paravam, estrategicamente, junto ao córrego que passava junto à entrada da cidade para lavar os pés e colocar seus sapatos. O mesmo faziam quando iam embora, para aliviar os pés que não estavam acostumados ao aperto dos calçados.

²² Existem inúmeras Cachoeiras no município que não estão registradas no mapa, mas que são conhecidas e mencionadas em textos turísticos e que devem fazer parte de um estudo toponímico posterior.

4.4.3 QUADRO RESUMO DOS TOPÔNIMOS

Quadro 4 – Resumo dos topônimos

CLASSIFICAÇÃO GERAL DOS TOPÔNIMOS DA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO BATISTA DO GLÓRIA/MG					
Taxionomias de natureza física			Taxionomia de natureza antro-po-cultural		
Classificação	Qt	%	Classificação	Qt	%
Dimensiotopônimos	3	1,6	Antropotopônimos	47	26,5
Fitotopônimos	36	20,3	Corotopônimos	1	0,6
Geomorfotopônimos	21	11,8	Cronotopônimos	2	1,2
Hidrotopônimos	7	3,9	Ecotopônimos	1	0,6
Litotopônimos	4	2,25	Ergotopônimos	12	6,9
Morfotopônimos	5	2,82	Etnotopônimos	8	4,6
Zootopônimos	6	3,39	Dirrematopônimos	3	1,7
			Hierotopônimos	1	0,6
			Hagiotopônimos	1	0,6
			Hodotopônimos	3	1,7
			Numerotopônimos	2	1,2
			Sociotopônimos	14	7,9
Subtotal	82	46		95	54
Topônimos de natureza física				82	
Topônimos de natureza antro-po-cultural				95	
Total				177	100%

Gráfico 1 – Taxionomias de natureza física

Gráfico 2 – Taxionomias de natureza antropocultural

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho, desenvolvido com o título *São João Batista do Glória: Estudo dos Topônimos das Regiões, Microrregiões e da Zona Rural*, teve como objetivo principal resgatar, através do estudo toponímico, a memória histórica e social presente nos denominativos da zona rural do município.

Nossa intenção inicial era fazer um estudo toponímico apenas dos nomes das regiões e microrregiões, às quais acrescentamos os córregos, ribeirões e pontes, por se tratarem de denominativos conhecidos. Aos poucos percebemos que não poderíamos ignorar a diversidade de denominadores atribuídos a cada elemento físico ou humano que contribuiu na construção da história do município.

Na pesquisa bibliográfica, percebemos que a primeira grande dificuldade seria encontrar, na literatura, subsídios para fundamentar nossa pesquisa. A bibliografia que retrata a evolução histórica ou qualquer outro assunto mais concreto sobre a região, ainda é muito escassa. Nesse ponto, a pesquisa de campo foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho, com a ressalva de que a tradição oral, muitas vezes, deixa dúvidas quanto à motivação dos nomes por apresentar, em alguns casos, mais de uma versão para a denominação do lugar.

Devido ao fato de que muito da história do município não está registrado em livros, mas apenas na memória de seus habitantes, iniciamos a pesquisa de campo valendo-nos de entrevistas gravadas com informantes previamente selecionados que, além de confirmarem as muitas versões, forneceram-nos informações novas e relevantes que enriqueceram o trabalho. Os informantes foram selecionados por conhecimento pessoal da pesquisadora e também por indicação de pessoas que fizeram pesquisas anteriores.

A Onomástica tem como objeto de estudo *o nome*. A Toponímia, subárea da Onomástica, hoje considerada uma ciência, traz subsídios valiosos aos pesquisadores através do estudo dos *nomes de lugar*, pois estes são expressões lingüísticas que refletem o ambiente, seja ele físico ou antropocultural.

Segundo Dick, aprendemos a valorizar o *nome* como um verdadeiro marcador existencial, que confere ao lugar *personalidade* jurídico-administrativa capaz e pertinente. “Mas um lugar ou uma cidade não é apenas isso. É também memória afetiva, responsável pelas raízes individuais e coletivas da população”. (DICK, 2004: p.39)

Já de início, nossa pesquisa defrontou-se com a questão do próprio *nome* do município: São João Batista *do* Glória. Em toda literatura que pesquisamos, não há uma explicação oficial para a colocação da contração prepositiva masculina “do” (de + o) antes de um substantivo feminino. O fato é que essa troca é oficial a partir de registros encontrados em cartório desde muito antes da emancipação do município. Segundo nossos informantes, as pessoas quando se referiam ao local denominado arraial ou distrito de São João Batista da Glória, começaram a fazer essa distinção, numa concordância nominal gramaticamente não apropriada, mas seguindo-se uma concordância implícita de sentido, *o local- o Glória*, para que não houvesse alguma alusão ao nome feminino de alguma mulher de nome Glória ou Maria da Glória. Anos antes de sua emancipação política, há documentos de transferências de terras que se referem à localidade como sendo *São João do Glória*.

Não encontramos também justificativa real, com registro documental, para a primeira denominação da região que deu origem ao município: *Sesmaria da Glória*. Sabemos que sesmarias eram porções de terras doadas pela coroa portuguesa, a pessoas de seu interesse, para facilitar a ocupação do território. Os primeiros donatários, provavelmente, vieram de algum lugarejo de Portugal cujo nome era dedicado a Nossa Senhora da Glória. A tradição religiosa portuguesa inspirou o nome da primeira grande fazenda da região – a Fazenda da Glória.

O principal denominativo do lugar, o nome do município (um hagiotopônimo) *São João Batista do Glória*, desde que o definiu como um povoado (arraial, distrito, município) manteve-se fiel à exaltação religiosa, que era comum naquela época: o santo - *São João Batista* - mais o lugar de procedência, de origem dos primeiros donatários. - *do Glória* (desconsiderando-se aqui o desvio gramatical).

Outro dado interessante está na observação de que o ato designativo não observa uma lógica: apesar de ser uma área com uma ampla bacia hidrográfica, há poucos hidrotopônimos (3,9%). Talvez, se a questão da preservação ambiental fosse levantada há mais tempo, poderíamos observar uma influência mais clara na toponímia local, tendo em vista a presença de inúmeras nascentes que contribuem para a formação de dois grandes rios de projeção nacional, o rio Grande e o rio São Francisco. E embora o sítio arqueológico do Letreiro possa nos remeter aos indígenas que habitaram a região em tempos remotos, a influência dos mesmos é quase imperceptível na toponímia local. Variantes do topônimo ‘Capão’ (Capão Grande, Capão da Erva, Capão do Alto) é o que nos parece mais evidente.

Pelo levantamento que realizamos, a incidência maior é de antropotopônimos (26,55%), fitotopônimos (20,3%) e geomorfotopônimos (11,8%), indicando sua motivação: posse/homenagens, a exuberância de sua flora e a topografia singular.

Percebemos que o percentual de antropotopônimos encontrados indica a predominância da posse da terra como elemento identificador de autoridade e domínio, desde as origens do município, com reflexos ainda nos dias de hoje. A essa tendência, soma-se a disposição para as homenagens: dos 28 antropotopônimos referidos como *pontes*, 24 foram definidos por força de lei, a Lei nº 1000, de 1º de junho de 2000. Pela mesma lei foram oficializados os nomes das regiões e microrregiões da zona rural.

Das nove regiões, oito delas possuem uma microrregião com o mesmo nome e sete têm a particularidade de possuir um curso d'água homônimo: as regiões de Capetinga (ribeirão Capetinga), Esmeril (ribeirão Esmeril), Fumal (ribeirão Fumal), Quebra Anzol (ribeirão Quebra Anzol), Brejo (córrego do Brejo), Canteiros (córrego Canteiros) e Morro do Glória (córrego Morro do Glória).

Tradicionalmente os nomes dos lugares foram dados conforme alguma característica específica que apresentavam, quase como apelidos, ou como indicativo do possuidor ou morador da terra, sendo cristalizados com o tempo e oficializados recentemente pela citada lei: Brejo, Escuta, Taboas, Esmeril, **Letreiro**, Mata dos Goularts, Curva dos Lopes...

Ainda com relação às pontes, descobrimos, durante a pesquisa de campo, que, ao lado da ponte Manuel Alves Pereira (Mané Alves), ainda existe a antiga ponte do córrego do Lavapés, que é utilizada pelos moradores locais, e, no entanto deixou de constar do mapa oficial. Pela mesma pesquisa verificamos que nomes de cachoeiras conhecidas e famosas turisticamente, como as cachoeiras da Grinalda, da Vitória, do Barulho, Lagoa Azul, Quilombo, e outras, também não constam do referido mapa.

Na elaboração deste trabalho também constatamos a importância do registro do fato histórico como forma de se preservar a história e identidade de um povo, uma vez que apenas a memória não pode resguardá-lo com fidelidade. A região, rica em tradições culturais, ainda é carente de estudos científicos que comprovem sua própria evolução histórica, presente na memória e nos costumes de uma parte de sua população, mas que, com o tempo, tende a desaparecer. Nas entrevistas realizadas com o grupo dos mais jovens, percebemos que, mesmo para aqueles que ainda estão fixados na sua região de origem, os valores históricos ou culturais não são tão marcantes em seu cotidiano.

No estudo toponímico realizado, além de resgataremos parte da evolução histórico-social do município, registramos a motivação denominativa presente nos topônimos da zona

rural. Assim queremos promover com esse resgate, não uma volta ao passado, mas um registro que contribua para a preservação da cultura e das tradições locais, sem deixar de lado a modernidade.

Os aspectos histórico-sociais que são implicitamente observados nos denominativos do lugar garantem, no presente, uma condição privilegiada ao município de São João Batista do Glória: de um lado um município rico em tradições culturais, que traz em sua história marcas da evolução do Brasil colônia ao Brasil moderno, e de outro lado, uma cidade com localização privilegiada e que está se estruturando para alcançar um grau de desenvolvimento real e sustentável, onde o respeito à natureza é condição básica para se alcançar a qualidade de vida sonhada por sua população.

Não podemos considerar nosso trabalho totalmente concluído, tendo em vista as limitações do nosso estudo que, pela escassez bibliográfica, firmou-se principalmente na oralidade. Mas, esperamos que, a partir dele, a pesquisa toponímica tenha um avanço real nessa região.

7. BIBLIOGRAFIA

A *BÍBLIA SAGRADA*, Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ÂNGELO, Ivan. *Suave Preconceito, mas nós enfrentamos*. (In Jornal Isto é Minas p. 6), Belo Horizonte, 11/12/2001.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BARBOSA, Valdir e SIMONE, Zoroastro de. *Sistema Rodoviário Municipal Complementado*. Passos: Gráfica e Editora São Paulo, 2000.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As Ciências do Léxico*. PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto e ISQUERDO, Aparecida Negri (Org): *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2ª. Ed. Campo Grande. UFMS, 2004.

COSERIU, E *Lições de Lingüística Geral*. São Paulo Ao Livro Técnico, 1980.

CUNHA, Antônio Geraldo de. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Edit. da Universidade de São Paulo, 1978.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux: origine Et evolution*. 2ª.ed. Paris: Libreire Delagrave, 1928

DICK, Maria Vicentina de P. do A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2ª. ed., São Paulo: 1990.

_____. *O léxico toponímico: marcadores e recorrências lingüísticas (Um estudo de caso: a toponímia do Maranhão)*. In: Revista brasileira de Lingüística. vol. 8. São Paulo: Ed. Plêiade, 1995.

_____. *O Sistema Onomástico: Bases Lexicais e Terminológicas, Produção e Frequência*. In: *As ciências do léxico*. Campo Grande: 1998. p. 77-89.

_____. *Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o Atlas toponímico do Estado de São Paulo*. In: *Investigações: Lingüística e Teoria Literária*. vol.9. 1999

_____. *A investigação lingüística na onomástica brasileira*. In: HUNDT, C. et alii (org.). *Estudos de gramática portuguesa III*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. (Biblioteca luso-brasileira; vol. 14).

_____. *Aspectos etnolingüísticos da toponímia carioca e Paulistana: Contrastes e Confrontos*” In: *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: 2000. p. 54-69.

_____. *Caminho das águas, povos dos rios: Uma visão etnolingüística da toponímia brasileira*. In: *Investigações: Lingüística e Teoria Literária*. vol. 13, 12/2001.

_____. *A Parassinonímia nas Práticas Onomásticas*. In: *Cadernos do CNLF*. (Círculo Nacional de Lingüística e Filologia). Série IV, n. 10. Rio de Janeiro: 2001. p. 30-40.

_____. *A Língua de São Paulo*. In: *Revistausp: 450 anos de São Paulo*. Nº 03. Setembro a Novembro de 2004. USP, São Paulo: 2004.

_____. *Os nomes como marcadores ideológicos*. “Names as Ideological Makers”. A Case Study: the Project ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – Toponymic Atlas of São Paulo State).” In: *Acta Semiótica et lingüística*. v.6 São Paulo: Plêiade, 2003. p. 139-156.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed. 14ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Jurandir Pires (planejamento e organização). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, vol. XXVII (p. 217-220): IBGE, 1959.

GRILO, Antonio. *Glória – Memórias da Cidade de São João Batista*. S. João Batista do Glória: Edição comemorativa do Cinquentenário, 1999.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO. Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça. *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Vol. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

KHALLYHABBY, Tonyan. *A arte rupestre brasileira*. Revista Temas. São Paulo: MUPA – Museu Paulista de Antropologia, 1987.

KRIEGER, M. G. & FINATTO, M. J. B.. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004

LEMLE, Miriam. *Heterogeneidade dialetal: Um Apelo à Pesquisa*. In: Revista Tempo Brasileiro, nº 53 (p. 60-94), Rio. Tempo Brasileiro, 1978.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *A língua Portuguesa e a Unidade do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MARTINS, Tarcísio José. *Quilombo de Campo Grande: a História de Minas roubada do povo*. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 1995.

OLIVEIRA, R. C. *Introdução: a noção de fricção interétnica*. In: *O índio e o mundo dos brancos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PLANO Municipal Decenal de Educação. Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura Municipal de São João Batista do Glória/MG, 2005.

SAPIR, Edward. *A Linguagem. Introdução ao Estudo da Fala*. (trad. e apend. J. Mattoso Câmara Jr.). São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

_____. *Língua e Ambiente*. In: *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

VASCONCELOS, J.L. *Opúsculos, vol, III: Onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

Sites:

<http://www.serracanastra.com.br/cidadesdaregiao/gloria.html>

<http://www.prefeituragloria.mg.gov.br>

8. ANEXOS

8.1 LEVANTAMENTO INICIAL DO CORPUS

9 REGIÕES:

- 1- BREJO
- 2- CAMBAÚBAS
- 3- CANTEIROS
- 4- CAPETINGA
- 5- ESMERIL
- 6- FUMAL
- 7- MORRO DO GLÓRIA
- 8- PALMEIRAS
- 9- QUEBRA ANZOL

31 MICRORREGIÕES

- 1- BREJO
- 2- CAFUNDÓ
- 3- CAMBAÚBAS
- 4- CAMPO DO CAJU
- 5- CANTEIROS
- 6- CAPÃO GRANDE
- 7- CAPETINGA
- 8- CARRAPICHO
- 9- ESCUTA
- 10- ESMERIL
- 11- FAZENDA VELHA
- 12- FUMAL
- 13- FUMALZINHO
- 14- JARAGUÁ
- 15- LAGOA
- 16- LAMBARI
- 17- LETREIRO

- 18- MATA DOS GOULART
- 19- MORRO DO GLÓRIA
- 20- MORRO GRANDE
- 21- PALMEIRAS
- 22- PONTE ALTA
- 23- PORTO DO GLÓRIA
- 24- PORTO VELHO
- 25- PRAIA VERMELHA
- 26- QUILOMBO
- 27- RIBEIRO DA PRATA
- 28- RUINHA
- 29- TABOAS
- 30- TALHADOS
- 31- TRÊS MATA-BURROS

AS PONTES

- 1- PONTE ALFREDO MARIANO DA COSTA (Ponte Feduca)
- 2- PONTE ANA ROSA EVANGELISTA (Ponte Ana Rosa)
- 3- PONTE ANTONIO ALVES PEREIRA (Ponte Antôin Nego)
- 4- PONTE ANTÔNIO ZACARIAS PEREIRA (Ponte Tõin Caria)
- 5- PONTE AURELINA ALVINA DE JESUS (Ponte dona Orela)
- 6- PONTE BERTOLINA MARIA DE JESUS (Ponte Bertolina)
- 7- PONTE BRAZ DE SOUZA VIEIRA (Ponte Braz e Souza)
- 8- PONTE CALIXTRATO PINTO DE CARVALHO (Ponte Calixtrato)
- 9- PONTE CÂNDIDO GOMES DOS REIS (Ponte Candinho Gomes)
- 10- PONTE DOS ALEIXOS
- 11- PONTE EUSTÁQUIO MACIEL DA COSTA (Ponte Eustáquio)
- 12- PONTE EXPEDITO COSTA DE PAULA
- 13- PONTE FLORISBELA DA LUZ (Ponte Dona Bela)
- 14- PONTE FRANÉGIO CÂNDIDO DA SILVA (Ponte Nejo Ventura)
- 15- PONTE GENARO BATISTA DOS SANTOS

- 16- PONTE JOSÉ DAVID FELICÍSSIMO (Ponte Zé David)
- 17- PONTE JOSÉ FERREIRA LEMOS (Ponte Juquinha Quirino)
- 18- PONTE JOSÉ SOARES DE REZENDE
- 19- PONTE JOSÉ VILELA
- 20- PONTE LEONEL ALVES
- 21- PONTE LIROS E PURCENAS
- 22- PONTE NORMÉLIO DA FONSECA (Ponte Felipe)
- 23- PONTE SABINO BERALDO
- 24- PONTE SEBASTIÃO COSTA E SILVA (Ponte Tião Belardo)

CÓRREGOS E RIBEIRÕES

- 1- CÓRREGO DA RUINHA
- 2- CÓRREGO DAS TABOAS
- 3- CÓRREGO DO AUGUSTO
- 4- CÓRREGO DO CIGANO
- 5- CÓRREGO DO ENGENHO
- 6- CÓRREGO DOS VENTURAS
- 7- CÓRREGO FUMALZINHO
- 8- CÓRREGO FUNDO
- 9- CÓRREGO LAMBARI
- 10- CÓRREGO MOREIRA
- 11- RIBEIRÃO CAPETINGA
- 12- RIBEIRÃO DOS CANTEIROS
- 13- RIBEIRÃO ESMERIL
- 14- RIBEIRÃO FUMAL
- 15- RIBEIRÃO GRANDE

8.2 ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS

Data ____/____/____

Nome: _____ Idade: _____

Ocupação principal: _____

Filiação: Pai: _____ Naturalidade: _____

 Mãe: _____ Naturalidade: _____

Irmãos: Quantos ____/____ homens ____ mulheres _____

Onde passou infância: _____

Quanto tempo mora na região: _____

Proprietário de terras? () Não () Sim Nome da propriedade: _____

O que conhece sobre a história da cidade: _____

O que conhece sobre a origem de alguns nomes de lugares - topônimos

(especificar/direcionar a entrevista de acordo com a localidade de cada informante):

Informações complementares a respeito do local: _____

Obs.: roteiro para entrevistas gravadas em cassete ou respondidas por escrito.

8.3 SÍNTESES DE ENTREVISTAS ²³

Síntese de entrevista

Nome:	Francisco Marques Filho
Idade:	65 anos
Filiação:	Francisco Marques Reis/Arlinda Batista da Conceição
Local de nascimento:	Região do Morro do Glória (Campo do Caju)
Propriedade:	Fazenda Gordurinha (nome dado à fazenda pela presença abundante de capim gordura na região).
Ocupação principal:	a fazenda ocupa-se da produção de leite.
Características familiares:	A família Marques mora na região há muito tempo. O pai era lavrador. Plantava milho, arroz, feijão, A mãe, cuidava dos filhos e da casa. São Cinco irmãos. A maioria dedica-se a atividades na cidade.
Informações complementares:	Nasceu na micro-região do Campo do Caju, que recebeu esse nome devido à presença de pequenas árvores que davam um fruto chamado de ‘cajuzinho do campo’. Hoje não existe mais, pois eram árvores nativas. Ficou apenas o nome para a região. Muitos nomes surgiram assim.

²² Todas as entrevistas foram autorizadas por escrito.

Próximo ao Campo do Caju, há a micro-região do Carrapicho, que é uma planta, um vegetal.

Outro nome curioso é o dos Três Mata-burros.

Antigamente eram três mata-burros porque era o encontro de três estradas. Isso é na estrada que vai para Delfinópolis. As estradas rurais foram reformadas, e hoje é uma bifurcação onde tem apenas dois mata-burros.

Ali no Morro do Glória existe um muro de pedra que foi construído pelos escravos. Elas traziam as pedras (aqui tem muita pedra) e construíam os muros separando as fazendas.

Síntese de entrevista

Nome: Arcemino Teófilo Rodrigues

Idade: 67 anos

Local de nascimento: Bairro das Taboas (região Palmeiras)

Local de nascimento

dos pais: mesmo local

Características familiares: é o 10º filho de uma família de 11 irmãos (8 homens e 3 mulheres). Seus pais sempre moraram na região. Nunca saíram de lá. Não sabiam ler ou escrever. O pai era lavrador. Plantava arroz, feijão, milho. A mãe, cuidava da casa. Ele e os irmãos seguiam o mesmo caminho. Casou-se aos dezoito anos. Naquele tempo também se casava cedo.

Informações complementares:

Segundo conta o sr. Arcemino, desde que se lembra, sua família morou na mesma região (das Palmeiras). Quando jovem, morava num lugar chamado de “Ruinha”, porque eram porções de terras tipo ‘chácaras’ que se enfileiravam umas após outras de um lado e outro da ‘estrada’, dando um aspecto de ‘rua’.

Quando nasceu, as casas eram de pau-a-pique (mistura de barro com cipós e bambus). Mais tarde, eram construídas com tijolos tipo ‘adobro’ (adobe: tijolo de argila, não cozido).

Não havia escola naquele tempo. Ele só aprendeu a ler depois de adulto, só para ler a bíblia.

Ainda hoje, sua leitura é ‘muito fraca’.

Ainda jovem conheceu o Letreiro, que os antigos diziam ser umas letras que os índios deixaram nas rochas da serra (pinturas rupestres – hoje, um sítio arqueológico).

As fazendas eram grandes e tinham muitos escravos. “Temos até uns muros de pedra que foram construídos pelos escravos para demarcar as fazendas”.

Quando perguntado sobre sua ancestralidade, se era ou não descendente de índios ou negros, o sr. Arcemino não soube dizer com certeza. A cor morena de sua pele era a cor da pele da maioria das pessoas, principalmente dos homens, que trabalhavam na roça, de sol a sol.

Quando perguntado sobre a característica típica de sua fala, não soube dizer nada. Disse que nunca ‘reparou’ nisso e nem se lembra se seus pais ou irmãos falavam da mesma maneira.

Quando pedimos que lesse um trecho bíblico, percebemos que as palavras terminadas em /l/ e /r/ eram lidas com o /i/ final, característico de sua fala: [“O Senhor é meu pastori ...]

Síntese de entrevista

Nome: Zilda Israel Garcia

Idade: 67 anos

Local de nascimento: São João Batista do Glória (na cidade)

Local de nascimento dos pais: Região do Morro Grande (Brejo) Zona Rural

Características familiares: A família Israel era da época dos ‘coronéis’.

Descendente de José Ferreira Garcia (um coronel conhecido como Zeca Estrangeiro). Não sabe ao certo a origem do coronel, que hoje dá me a uma das escolas da cidade.

O pai era lavrador. Plantava milho, arroz, feijão. A mãe, cuidava dos filhos e da casa. Os irmãos seguiam o caminho dos pais. Casou-se cedo.

Naquele tempo a mulher casava cedo, porque era criada para isso.

Informações complementares:

Dona Zilda contou-nos que sua família morou na mesma região (do Morro Grande) durante muitos anos. Mas ela nasceu e sempre morou na cidade. Mas sempre ia à roça para passear. Mesmo na cidade, boa parte das casas era de pau-a-pique (mistura de barro com cipós e bambus). Outras, já com o surgimento de algumas olarias, eram construídas com tijolos tipo ‘adobro’ (tijolo de argila, não cozido).

A aprendeu a ler e escrever muito pouco. Em casa mesmo. Não conseguiu frequentar as aulas do primeiro professor, o sr. José Severiano Filho, na Casa da Instrução. Ainda não havia escola como as de hoje, na cidade. Mas sua leitura é ‘fraca por causa da vista’.

O Letreiro (pinturas rupestres – hoje, um sítio arqueológico), conhecia só de ouvir falar. Os antigos diziam que escritos de Deus. Que Deus deixou ali registrado e quando surgisse alguém com uma revelação, poderiam saber o que estava escrito ali.

Outra coisa que respeitavam muito era a ‘força da natureza’. A mãe dizia que ninguém deveria chegar perto (a menos de 50 metros) de uma cachoeira quando ventava, pois elas ‘puxavam’ as pessoas para dentro.

Quando perguntada se era ou não descendente de portugueses, índios ou negros, a sra. Zilda disse que sabia que seus antepassados eram portugueses. Seu avô era coronel (naquele tempo usava-se ‘comprar’ títulos de capitão e coronel).

Não perguntamos sobre seu modo de falar. Limitamo-nos a observar suas falas que eram parecidas com as falas do sr. Arcemino.

7.4 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO:		
TOPÔNIMO:	TIPO DE ACIDENTE:	TAXIONOMIA:
ESTRUTURA MORFOLÓGICA:		
ENTRADA LEXICAL:		
ETIMOLOGIA:		
HISTÓRICO:		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO:		
FONTE:		
PESQUISADOR:	REVISOR:	
DATA DA COLETA:		

7.4.1 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural – Região do Brejo

LOCALIZAÇÃO: MONITORIO: Zona Rural: Região do Brejo		
TOPÔNIMO: BREJO, região e microrregião	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Geomorfotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Brejo: sm.		
ETIMOLOGIA: Brejo: sm. 1. V pântano; 2. Terreno agreste que só dá urzes*. * arbusto ericáceo, silvestre.		
HISTÓRICO: A região do Brejo, devido à proximidade com o rio Grande, é um local onde as águas subterrâneas afloram facilmente; área de planície, com partes alagadas durante o período chuvoso, com todas as características de um ‘brejo’.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.2 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural – Região do Brejo

TOPÔNIMO: FAZENDA VELHA, <i>microrregião</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Cronotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Fazenda: sf.+ Velha adjf.		
ETIMOLOGIA: Fazenda: sf.1. Conjunto de bens, haveres; 2. Propriedade rural de lavoura ou de criação de gado; 3. Pano, tecido; 4. As finanças públicas; + Velha sf. 1. Mulher idosa; 2. Fam. Mãe		
HISTÓRICO: A microrregião recebe essa denominação devido à existência, ali, de uma das primeiras fazendas do município, de grande extensão territorial, referência para proprietários e para quem por ali passava.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.3 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural – Região do Brejo

TOPÔNIMO: <i>MORRO GRANDE, microrregião</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Geomorfotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Morro: sm.+ Grande adj2g.		
ETIMOLOGIA: Morro: sm. 1. Monte pouco elevado, colina, outeiro; 2. Brás. RJ Favela + Grande adj2g. De tamanho, volume, intensidade, etc. acima do normal; 2. Comprido, longo; 3. Crescido, desenvolvido; 4. Numeroso; 5. Exagerado; 6. Extraordinário, desmedido; 7. Generoso; 8. Grave; 9. Poderoso; 10. Que revela magnanimidade, ou heroísmo, etc. (gesto) – sm 11. Pessoa rica e/ou poderosa; influente.		
HISTÓRICO: A microrregião recebe essa denominação por razões topográficas: um monte pouco elevado, mas visível a grande distância, principalmente para quem olha do rio Grande, durante a travessia feita por balsa, no porto do Glória. O ‘morro’ foi, desde muito, um marco de referência utilizado pelos proprietários de terra da região para identificar o local.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.4 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural – Região do Brejo

TOPÔNIMO: <i>PRAIA VERMELHA, microrregião</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Geomorfotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t.composto		
ENTRADA LEXICAL: Praia: sf.+ Vermelha adjf.		
ETIMOLOGIA: Praia: sf.1. Orla da terra geralmente coberta de areia, confinando com o mar; 2. Parte do leito de uma rio que fica a descoberto quando as águas baixam. + Vermelha adj. 1. Da cor do sangue, do rubi; 2. Corado, rubro; / sf. 3. a cor vermelha; 4. Pop. Condição de prejuízo (de indivíduo, empresa, etc.); 5. Brás. Zool. Nome comum a vários peixes lutjanídeos.		
HISTÓRICO: A microrregião recebe essa denominação devido a razões topográficas: uma longa faixa de terras avermelhadas (indicando a boa qualidade do solo), que se estende ao longo de um trecho do ribeirão Capetinga, lembrando uma praia.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.5 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural – Região de Cambaúbas		
TOPÔNIMO: CAMBAÚBAS, região e microrregião	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Etnotopônimo (*)
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Não consta em dicionários da língua comum		
<p>ETIMOLOGIA: Vide histórico e informações enciclopédicas</p> <p>Possibilidades: 1- derivação de Candiubá (espécie de gramínea, capim ou bambu); 2- derivação por justaposição de cambá (guarani) + ubá (tupi)</p> <p>Nova informação: derivação de Cambá + aiubá (ruim – negro ruim)</p>		
<p>HISTÓRICO: São três as teorias levantadas para justificar o nome da microrregião de Cambaúbas. A primeira é a de que, do mesmo modo que outras regiões no município têm sua denominação originada num dos frutos da terra destinados à alimentação animal. Dentre os milhares de espécimes de gramíneas há a ‘canbiubá’. Há indícios que, na região, havia uma grande quantidade desse capim, uma espécie de bambu nativo que também era empregado na confecção de balaies e cestos. A segunda teoria aventa a possibilidade de que o nome poderia ter sido uma variação deformada de escambal ou escambalbar, verbo derivado de ‘escambo’, praticado na região do porto do Gordurinha, em tempos remotos. A terceira possibilidade, talvez a mais concreta, faz referência à origem indígena da palavra: seria a junção de ‘cambá’ (do guarani) designação dada aos negros brasileiros durante a Guerra do Paraguai + ubá(tupi), espécie de embarcação sem quilha e sem banco, constituída de um só lenho, escavado à fogo, que pretejava a madeira, ou de uma casca inteiriça de árvore, cujas extremidades eram atadas com cipós”.</p> <p>(*) O topônimo Cambaúbas pode ser classificado como Fitotopônimo ou Etnotopônimo, de acordo com a origem que considerarmos.</p>		
<p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Na região de Cambaúbas, é de conhecimento popular que ali as fazendas empregavam mão de obra escrava. E a existência do porto do Gordurinha no lugar em questão, fornece-nos a grande possibilidade de ter havido ali rústicas canoas indígenas, que faziam a travessia de tropeiros, mascates e outras pessoas que por ali se aventuravam, conduzidas provavelmente por escravos. As canoas (ubás) tinham a cor enegrecida. Assim, a origem da palavra cambaubá, provavelmente, saiu da junção das duas palavras indígenas: cambá + ubá, cujo significado seria canoa preta (pela cor) ou canoa + negro, que a conduzia. E Cambaúbas, no plural, por haver mais de uma (BARBOSA, SIMONE, 2000)</p>		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.6 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região de Cambaúbas

TOPÔNIMO: ESCUTA (do Ribeirão Grande), microrregião.	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Ergotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Escuta sf.		
ETIMOLOGIA: Escuta sf. 1. ato de escutar; / Escuta eletrônica. Telec. Sistema de escuta que registra emissões eletromagnéticas provenientes de radares, de redes de telecomunicações, de aviões, etc.		
HISTÓRICO: Segundo BARBOSA e de SIMONE, ‘Escuta’ é uma expressão derivada do verbo escutar e é exatamente nesse sentido que se originou o nome da microrregião situada numa bacia próxima ao ribeirão Esmeril. “A existência de uma depressão de terreno rodeada de montes, não havendo vento, “com o ar parado”, permite a quem esteja ali na planície, ouvir com perfeição a conversa dos que estejam passando lá pelo alto, a longa distância. (...) Daí, o lugar ficou conhecido como ESCUTA há mais de 60 anos”.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.7 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região de Cambaúbas

TOPÔNIMO: <i>LAGOA</i> , microrregião.	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Hidrotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Lagoa sf.		
ETIMOLOGIA: Lagoa sf. Lago pouco extenso.		
HISTÓRICO: A microrregião da Lagoa recebeu essa denominação por situar-se numa planície onde está a foz do ribeirão Esmeril. Na época das chuvas, as águas do ribeirão transbordam e alagam a planície transformando-a temporariamente numa lagoa.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.8 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região dos Canteiros

TOPÔNIMO: CANTEIROS, região e microrregião	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Morfotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Canteiro sm.		
ETIMOLOGIA: Canteiro sm. 1. Operário que lavra a pedra de cantaria; 2. Porção delimitada de terreno cultivado de plantas.		
<p>HISTÓRICO: Ainda de acordo com a pesquisa realizada por BARBOSA e SIMONE, o topônimo Canteiros apresenta pelo menos três possibilidades de origem: a primeira refere-se ao fato de existir em grande quantidade na região a pedra de cantaria (ou alistão), a pedra quartzito; a segunda, numa versão mais romântica, refere-se ao fato de que os rurícolas, ao cavalgar pela serra campeando o gado, tinham a visão da planície toda recortada por diversos córregos e grotas, dando a aparência de canteiros de hortaliças, que a maioria tinham nos quintais de suas casas. Essas duas possibilidades são reforçadas pelo verbete constante dos dicionários.</p> <p>No entanto, a última teoria, a mais provável, diz respeito à produção de cachaça, muito antiga na região, que era armazenada em barris de madeira. Os barris eram apoiados em suportes de madeira, de forma côncava, escavada no centro, que se denominavam canteiros. A topografia da região, cercada pelas serras das Palmeiras e do Cigano a sudoeste e pelas serras do Baú e Capão do Alto ao nordeste, com um vão prolongado no centro, certamente inspirou os moradores mais antigos da região para a denominação do lugar.</p>		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.9 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região dos Canteiros

TOPÔNIMO: <i>QUILOMBO</i> , microrregião.	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Etnotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Quilombo sm.		
ETIMOLOGIA: Quilombo sm. Bras. Refúgio de escravos fugidos.		
HISTÓRICO: Para o denominativo Quilombo, encontramos apenas razões históricas. Há indícios de que em nossa região foram fundados muitos pequenos quilombos para abrigar os negros que fugiam das minas, provavelmente ligados a um quilombo maior (de Campo Grande).		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.10 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região dos Canteiros

TOPÔNIMO: <i>RETIRO DA PRATA</i> , microrregião.	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Sociotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Retiro sm. / (da) Prata sm.		
ETIMOLOGIA: Retiro sm. 1. lugar solitário, deserto; 2. Lugar de recolhimento (2); 3. Tempo de recolhimento para exercícios espirituais. + (da) Prata sm. Quím. Elemento de número 47, metálico branco brilhante, denso, maleável, dúctil, usado em numerosas ligas preciosas [simb. Ag]; 2. Objeto de valor feito com esse metal. 3. V. dinheiro.		
HISTÓRICO: Região localizada no extremo norte do município, próxima à fronteira dos municípios de São Roque de Minas e Vargem Bonita. Lugar de terras pedregosas e montanhosas, pouco atrativas para o cultivo, utilizadas pelos fazendeiros como “invernada” onde deixavam o gado para engorda, durante uma parte do ano. Lugar afastado, ficou conhecido como retiro, por ser retirado e distante das sedes das fazendas. Devido à existência de prata naquela região desde tempos remotos, a microrregião ficou conhecida como Retiro da Prata.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.11 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região da Capetinga

TOPÔNIMO: <i>CAPETINGA</i> , região e microrregião	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: <i>Capetinga</i> sf.		
ETIMOLOGIA: <i>Capetinga</i> sf. (Alt. de capetinga – capim branco) Bras. Espécie de gramínea que só medra à sombra das matas.		
HISTÓRICO: A região recebeu esse nome, provavelmente, devido à existência abundante da gramínea esbranquiçada que cresce à sombra das matas. Isso, em outros tempos. Hoje, não podemos dizer que existe em abundância, mas a denominação permanece até os dias de hoje.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.12 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região da Capetinga

TOPÔNIMO: JARAGUÁ, microrregião.	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Jaraguá sm.		
ETIMOLOGIA: Jaraguá sm. Bras. Bot. Gramínea alta, forrageira.		
<p>HISTÓRICO: A exemplo da Capetinga, a microrregião do Jaraguá recebeu essa denominação por indícios de ter havido, em abundância nos tempos passados, a gramínea do mesmo nome que servia para a alimentação do gado.</p>		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.13 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região da Capetinga

TOPÔNIMO: MATA DOS GOULARTS, microrregião.	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Mata sf. / (dos) Goularts loc. adjetiva possessiva		
ETIMOLOGIA: Mata sf. Terreno onde crescem árvores silvestres, floresta, selva, mato.		
HISTÓRICO: Segundo dados históricos levantados, os Goularts se fixaram na região há cerca de dois séculos, tomando posse de grande extensão de terras localizadas nas matas que cobriam as encostas das serras de nossa região. A família Goulart tornou-se grande proprietária de fazendas. Daí o denominativo fazer referência à propriedade da terra.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.14 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Esmeril

TOPÔNIMO: <i>ESMERIL</i> , região e microrregião	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Litotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Esmeril sm.		
ETIMOLOGIA: Esmeril sm. 1. Substância que contém. óxido de ferro e que, pulverizada, serve para polir metais, pedras preciosas, etc. 2. Pedra de amolar, amoladeira, mó.		
<p>HISTÓRICO: São várias as origens do topônimo Esmeril, registradas na memória popular. “Houve quem disse que, como a região tem lugares montanhosos e cheios de ladeira, inclusive um que é denominado de “Rolador”, tão íngreme seu solo, as pedras que desciam do alto desses montes chegavam lá embaixo todas esfoladas, como passadas ao esmeril”. “Também houve quem disse da fama das pedras de amolar”, muito procuradas e encontradas em abundância na região e que serviam de ‘esmeril’ doméstico.</p> <p>Mas a teoria mais aceita pelos historiadores é que na região encontrava-se quantidade de um metal utilizado na produção do esmeril industrializado e que era recolhido pelos catadores de limalha, que vinham de longe para isso.</p>		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.15 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Esmeril

TOPÔNIMO: <i>CAFUNDÓ</i> , microrregião.	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Ergotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Cafundó sm.		
ETIMOLOGIA: Cafundó sm. Bras. Lugar ermo e afastado de acesso difícil.		
HISTÓRICO: A extensão territorial e a diversidade que esta apresenta, onde há montes, montanhas, planícies, lugares acidentados, matas, terras férteis e outras nem tanto, levou os habitantes do lugar a se referirem a uma grande área situada na parte sul da região do Esmeril, um lugar ermo e afastado, de difícil acesso, como sendo, literalmente, o Cafundó.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.16 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Esmeril

TOPONÍMICO: MONOTÍPO: Zona Rural - Região do Esmeral		TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Zootopônimo
TOPÔNIMO: LAMBARI, microrregião			
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples			
ENTRADA LEXICAL: Lambari. Sm.			
ETIMOLOGIA: Lambari. Sm. Bras.Zool. Pequeno peixe caracídeo muito usado na alimentação.			
HISTÓRICO: Com tanta água no município, é de se esperar uma quantidade e variedade de peixes. Nos córregos e ribeirões da região, sempre houve quantidade e variedade de peixes. Mas no córrego Lambari, a predominância de pequenos peixes (os lambaris), muito apreciado na alimentação e para isca de outros peixes maiores, determinou a denominação da microrregião.			
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:			
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.			
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas			
PESQUISADOR: Divenia		REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007			

7.4.17 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Fumal

TOPÔNIMO: <i>FUMAL</i> , região e microrregião.	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Fumal. Sm.		
ETIMOLOGIA: Fumal sm. Bras. Plantação de fumo.		
<p>HISTÓRICO: Na origem do denominativo Fumal, também se pode levantar algumas hipóteses, ainda vivas no imaginário popular. A primeira faz referência ao fato da região ter sido grande produtora de fumo. Não há prova documental, mas moradores antigos afirmam que algumas famílias aportaram por lá, e percebendo uma terra fértil às margens do ribeirão de águas claras, estenderam um grande fumal às margens do curso d'água. Porém, num dia de tempestade, as águas do ribeirão transbordaram, destruindo a plantação por completo. As famílias, desgostosas com os prejuízos, abandonaram a região, tomando rumo ignorado. Esta é a possibilidade que utilizamos para a classificação do topônimo. Outra possibilidade decorre da presença das inúmeras cachoeiras na região. A cachoeira do Fumal localiza-se na divisa das regiões dos Canteiros e do Fumal. Com grande volume d'água, a queda provoca uma névoa de 'fumaça'. E faz sentido que o lugar tenha sido "batizado" de Fumal, abreviatura da expressão "fumaçal", que seria a névoa provocada pela caudalosa queda d'água.</p>		

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.	
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas	
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007	

7.4.18 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Fumal

TOPÔNIMO: <i>FUMALZINHO, microrregião</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. derivado Fumal		
ENTRADA LEXICAL: Fumalzinho. Sm		
ETIMOLOGIA: Fumalzinho, sm. dim de fumal		
HISTÓRICO: Córrego afluente do ribeirão Fumal. A área próxima ao córrego, pela própria correlação com a região do Fumal, recebe o nome de Fumalzinho.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.19 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Fumal

TOPÔNIMO: TALHADOS,
microrregião.

TIPO DE ACIDENTE: AH

TAXIONOMIA:
Antropotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples

ENTRADA LEXICAL: Talhado

ETIMOLOGIA: Talhado **adj.** 1. que se talhou; 2. Apropriado, adequado; **sm.** 3. Bras. Trecho de rio apertado entre ribanceiras, talhadão.

HISTÓRICO: Seria de esperar que o topônimo Talhados fosse um geomorfotopônimo, se aplicássemos o brasileirismo constante de dicionários. No entanto, segundo pesquisas do historiador, prof. Antonio Grilo, a denominação da região é referência a uma grande família de latifundiários, chefiada pelo patriarca Francisco Talhados, proprietária de terras situadas entre a fazenda da Glória e a região de Piumhi. Ainda segundo o historiador, este teria sido a primeira denominação do povoado que viria a ser o nosso município. Segundo suas pesquisas, há documentos no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte/MG, que tratam da construção da primeira capela de São João Batista, em 1824, cujas despesas de construção foram custeadas pelos fazendeiros e moradores de Talhados. Consta que Talhados era uma pequena concentração de fazendas que deviam fazer parte da antiga Sesmaria da Glória.

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.

FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas

PESQUISADOR: Divenia

REVISOR: Dick

DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007

7.4.20 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Morro do Glória

TOPÔNIMO: <i>MORRO DO GLÓRIA, região e microrregião.</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Geomorfotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Morro; (do) Glória		
ETIMOLOGIA: Morro: sm. 1. Monte pouco elevado, colina, outeiro; 2. Brás. RJ Favela (do) Glória. Sf. 1. Fama obtida por ações extraordinárias, grandes serviços à humanidade, etc. celebridade, renome. 2. Brilho, esplendor. 3. Honra, homenagem..		
HISTÓRICO: Consta que a sede da fazenda (antiga sesmaria da Glória) foi construída, pelo que parece estrategicamente, no ponto mais elevado de um morro próximo ao rio Grande. Com a construção da capela dedicada a São João Batista num ponto abaixo do morro, o núcleo urbano do município desenvolveu-se a partir do trânsito entre os dois pontos. Há documentos no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte, que falam da construção da capela em 1824, que passou a ser conhecida na localidade como a “capela de São João Batista da fazenda da Glória” ou a “capela de São João Batista da fazenda do Morro da Glória”.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.21 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Morro do Glória

TOPÔNIMO: <i>CAMPO DO CAJU, microrregião.</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Campo; (do) Caju		
ETIMOLOGIA: Campo. sm. 1. Extensão de terra sem e que tem ou não árvores esparsas. 2. Grande terreno plantado. 3. Zona fora do perímetro urbano das grandes cidades na qual predominam as atividades agrícolas [...] (do) Caju sm. 1. Bras. Pedúnculo comestível do fruto do cajueiro.		
HISTÓRICO: Campo localizado ao norte do morro do Glória, onde havia em abundância um tipo de cajueiro nativo, popularmente conhecido como cajuzinho do campo, arbusto de pequeno porte, cerca de meio metro, bem parecido com o pé de ‘gabioba’. Hoje, com o tratamento da terra, o campo tornou-se uma área mais fértil e produtiva e os pequenos cajueiros nativos praticamente desapareceram do lugar. Mas a tradição manteve o nome Campo do Caju.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.22 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Morro do Glória

TOPÔNIMO: <i>CARRAPICHO, microrregião.</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Carrapicho		
ETIMOLOGIA: Carrapicho sm. Bras. 1. Nome comum a vários subarbustos das leguminosas, compostas, gramíneas, malváceas e tiláceas, cujos frutos, com pequenos espinhos ou pêlos, aderem à roupa ou pêlo dos animais. 2. V. carapinha.		
HISTÓRICO: Ao nordeste da região do Morro do Glória, há uma grande área de campo enfraquecido que marcada pela presença do carrapicho, desde tempos muito remotos. Atualmente, o tratamento e uso da terra, não tem permitido que a planta cresça em abundância na região, mas o denominativo já foi consagrado pelo uso popular.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.23 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Morro do Glória

TOPÔNIMO: <i>PORTO DO GLÓRIA, microrregião</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Geomorfotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Porto, Glória		
ETIMOLOGIA: Porto sm. 1. lugar da costa ou num rio, lagoa, etc., onde as embarcações podem fundear ou amarrar e estabelecer contatos com a terra. 2. Cidade, vila, etc., que tem junto um porto. Glória sf. 1. Fama obtida por ações extraordinárias, grandes serviços à humanidade, etc. celebridade, renome. 2. Brilho, esplendor. 3. Honra, homenagem.		
HISTÓRICO: Microrregião que completa geograficamente a região do Morro do Glória, ficou assim denominada porque é onde está localizado o atual porto, principal meio de entrada para o município. A travessia do rio Grande, nesse ponto, é feita através de balsas, que se tornaram referências turísticas, apenas de algum descontentamento dos moradores pela inconveniência que causam na atualidade: a demora no fluxo de trânsito para tantos carros, ônibus e caminhões.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.24 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Morro do Glória

TOPÔNIMO: <i>PORTO VELHO, microrregião</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Cronotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Porto, Velho		
ETIMOLOGIA: Porto sm. 1. lugar da costa ou num rio, lagoa, etc., onde as embarcações podem fundear ou amarrar e estabelecer contatos com a terra. 2. Cidade, vila, etc., que tem junto um porto. Velho adj. 1. Muito idoso. 2. Antigo. 3. Gasto pelo uso. 4. Experimentado, veterano. 5. Que há muito exerce uma profissão ou tem certa qualidade. 6. Desusado, obsoleto. Sm. Homem idoso. 8. Fam. Pai.		
HISTÓRICO: Antigo porto, por onde, por muitos anos, nossos antepassados cruzavam o rio, levando suas mercadorias e animais. Geograficamente, juntando-se à microrregião do Porto do Glória, completa a área que forma a região do Morro do Glória.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.25 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Morro do Glória

TOPÔNIMO: <i>TRÊS MATA-BURROS, microrregião</i>		TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Numerotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto			
ENTRADA LEXICAL: Três, mata-burro			
ETIMOLOGIA: Três num. 1. Quantidade que é uma unidade maior que dois. 2. Número correspondente a uma quantidade [...] Mata-burro sm. Bras. Ponte de traves espaçadas, para vedar o trânsito de animais.			
HISTÓRICO: Até cerca de trinta anos atrás, na estrada que liga São João Batista do Glória a Delfinópolis, aproximadamente um quilômetro e meio do centro urbano, num cruzamento das estradas que levam às regiões do Brejo e Capetinga, Delfinópolis e região das Palmeiras, existiam três mata-burros que faziam o controle da circulação do gado nas propriedades. Como a pecuária foi se juntando à agricultura no desenvolvimento do município, os mata-burros que mantinham o gado dentro das propriedades foram deixando de ser imprescindíveis e passaram a ser apenas dois. Devido ao aumento do trânsito nas estradas rurais, estas foram ‘modernizadas’ e hoje existe apenas uma dessas pontes de traves. No entanto, a tradição oral manteve o nome da região.			
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:			
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.			
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas			
PESQUISADOR: Divenia		REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007			

7.4.26 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região das Palmeiras

Estrutura Morfológica: Morfologia: Zona Rural: Região das Palmeiras		
TOPÔNIMO: PALMEIRAS, região e microrregião.	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples		
ENTRADA LEXICAL: Palmeira		
ETIMOLOGIA: Palmeira (De palma + eira) S.f. Espécime das palmeiras, pulmácea, palma.		
HISTÓRICO: Por volta de 1860, uma grande quantidade de trabalhadores, provenientes de um latifúndio denominado Fazenda Palmeiras, localizado num município próximo (Passos), chegaram a São João Batista do Glória, para trabalhar na região. Como hábito costumeiro, a população local sempre se referia a esses trabalhadores como “os lá da Fazenda Palmeiras”. Os moradores mais antigos da região também apontam a existência de uma boa quantidade de uma palmeira anã, chamada de indaiá, como sendo relevante para a denominação da região.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.27 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região das Palmeiras

TOPÔNIMO: CAPÃO GRANDE, <i>microrregião</i>		TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto			
ENTRADA LEXICAL: Capão , Grande			
ETIMOLOGIA: Capão ¹ (do latim vulgar cappone, por capone) S.m. 1. Frango cepado. 2. Cavalo castrado. 3. <i>Bras.</i> RS cordeiro castrado. 4. <i>Bras.</i> V. peixe-galo. Capão ² (do Tupi ka'ã pu'ã, 'mato redondo'; var. de caapuã; outra var.: capuão) <i>S.m Bras.</i> Porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato. Grande adj2g. De tamanho, volume, intensidade, etc. acima do normal; 2. Comprido, longo; 3. Crescido, desenvolvido; 4. Numeroso; 5. Exagerado; 6. Extraordinário, desmedido; 7. Generoso; 8. Grave; 9. Poderoso; 10. Que revela magnanimidade, ou heroísmo, etc. (gesto) – sm 11. Pessoa rica e/ou poderosa; influente.			
HISTÓRICO: A origem do nome deve justamente por haver na região sul/sudeste da região das Palmeiras, uma vasta extensão de mata nativa (Capão ² do Tupi). Segundo BARBOSA e SIMONE, a palavra 'capão' por si só representa uma quantidade razoável de mato, em se havendo intensidade no arvoredo, de modo a chamar a atenção, a forma que nossos antepassados encontraram para referir-se particularmente àquele lugar foi acrescentando-lhe o adjetivo que denota volume, intensidade: grande. Daí o nome da microrregião: Capão Grande.”			
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:			
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.			
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas			
PESQUISADOR: Divenia		REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007			

7.4.28 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região das Palmeiras

LOCALIZAÇÃO: MUNICÍPIO: Zona Rural - Região das Palmeiras		
TOPÔNIMO: LETREIRO, microrregião	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Ergotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. derivado (letra)		
ENTRADA LEXICAL: Letreiro		
ETIMOLOGIA: Letreiro [De letra + -eiro] S. m. 1. inscrição em tabuleta com qualquer tipo de informação; 2. V. legenda; 3. Cin. Legenda; 4. Bras. no interior do país, designação comum às inscrições mais ou menos curiosas, descobertas em rochas, pinturas, pedras lavradas, pedras riscadas, pedras pintadas ou itaquatiras.		
<p>HISTÓRICO: Nas encostas das montanhas que formam o complexo da Serra da Canastra, no sudoeste de Minas Gerais, mais precisamente ao norte da região das Palmeiras (no município de São João Batista do Glória), há alguns anos, descobriram-se inscrições e sinais, que os “antigos” chamavam de “letreiro”. Não há registro de pesquisas que fundamentem a razão desse topônimo. Na tradição oral, conta-se que os habitantes do lugar, ao visualizarem aqueles grafismos, deduziam que se assemelhavam a letras, daí “letreiro”. O lugar, hoje um conhecido sítio arqueológico, objeto de pesquisas do professor Tonyan KHALLYHABBY, motivou a denominação da microrregião, que envolve, além do sítio arqueológico, parte da região das Palmeiras que abriga o Chapadão da Garrida.</p>		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
No capítulo que trata do histórico do município, dedicamos uma parte dele ao Letreiro pelo patrimônio histórico que representa.		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.29 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região das Palmeiras

TOPÔNIMO: <i>PONTE ALTA, microrregião</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Hodotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Ponte, S.m + Alta, adj		
ETIMOLOGIA: Ponte [do latim <i>ponte</i>] S.F. 1. Construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso d’água ou de outra superfície líquida qualquer. 2. <i>Const. Nav. Ant.</i> Cada uma das cobertas de um navio [...] - Alta [<i>Feminino substantivado do adjetivo alto</i> ²] S.f. 1. Subida de preço ou de cotação; aumento [...] 3. A parte mais elevada de uma cidade [...] / Alto2 [Do latim <i>altu</i>] Adj. 1. De grande extensão vertical; elevado [...] S.m 26. Altura; elevação. 27. O ponto mais alto de alguma coisa; topo, cimo [...]		
<p>HISTÓRICO: Não há referências históricas sobre a presença de alguma ponte na região que tenha sido a motivação do nome do lugar. “Estudos comprovados e registrados no livro <i>Glória – Memórias da Cidade de São João Batista</i>, do professor historiador Antonio Grilo, nos indicam a existência de uma área rural de razoável tamanho, denominada <i>fazenda Ponte Alta</i>, integrante da grande <i>fazenda da Glória</i>, pertença originária da família Martins Arruda (Obra citada, págs. 49 e 73)”. (BARBOSA e SIMONE). Assim, a microrregião teve seu nome oficializado pelo caráter histórico que apresenta.</p> <p>Há também na região o córrego dos Arrudas.</p>		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.30 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região das Palmeiras

TOPÔNIMO: <i>RUINHA, microrregião</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Hodotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. derivado (rua)		
ENTRADA LEXICAL: Rua		
ETIMOLOGIA: Rua [do lat. <i>ruga</i> , ‘ruga’, posteriormente sulco, caminho] S.f. 1. Via pública para circulação urbana, total ou parcialmente ladeada por casas. [...] 7. <i>Bras.</i> Espaço entre as filas de qualquer plantação [...]		
<p>HISTÓRICO: Havia na região algumas pequenas propriedades, que construíram suas sedes uma próxima à outra, enfileiradas, dando um aspecto de ‘rua’. O diminutivo pode se referir ao tamanho das propriedades ou, mais provável, ao ‘tamanho’ da ‘rua’. O fato é que, algumas dessas pequenas propriedade e casas sedes existem no lugar até hoje, justificando a oficialização do denominativo da microrregião.</p>		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.31 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região das Palmeiras

ECOLOGIA: MONITORIO: Zona Rural - Regiao das Palmeiras		TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Fitotopônimo
TOPÔNIMO: TABOAS, microrregião			
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. simples			
ENTRADA LEXICAL: Taboa			
ETIMOLOGIA: Taboa S.f. Bras. SP, Var. de tabua. // Tabua S.f. Brás. Grande erva (até 3 metros) da família das tifáceas, que vive em águas paradas e rasas, pois se radica no fundo lamacento por meio de um rizoma, que é comestível. Tem folhas ensiformes, pontudas e resistentes, flores unissexuais e inconspícuas arrumadas em espigas grossas e compactas, de sexos separados, e espigas frutíferas com pêlos que parecem paina. As folhas servem para tecer esteiras e cestos, e podem dar celulose para papel.			
HISTÓRICO: Conforme a descrição do dicionário Aurélio, a planta denominada taboa é de grande utilidade. E exatamente por ser a área centro-oeste da região das Palmeiras uma baixada propícia para o desenvolvimento dessa planta, deu-se o nome ao lugar de Taboas. A curiosidade está no fato da região das Palmeiras estar localizada, em sua maior extensão, em área montanhosa e de vegetação típica de cerrado. Mas, em se tratando de um ponto geográfico de transição entre a Mata Atlântica e o Cerrado, o fato torna-se mais uma característica específica do lugar, já que ali, a planta aparece em boa quantidade.			
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:			
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.			
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas			
PESQUISADOR: Divenia		REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007			

7.4.32 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Zona Rural - Região do Quebra Anzol

TOPÔNIMO: <i>QUEBRA ANZOL, região</i>	TIPO DE ACIDENTE: AH	TAXIONOMIA: Dirrematopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto		
ENTRADA LEXICAL: Quebra, Anzol		
ETIMOLOGIA: Quebra. [Dev. de <i>quebrar</i>] S.f 1. Ato ou efeito de quebrar. 2. Separação das partes de um todo [...] / Anzol [Do lat. vulgar ‘hamiciolu’, diminutivo de hamus ‘gancho’.] S.m 1. Pequeno gancho para pescar, terminado em farpa, na qual se põe a isca; gancho.		
HISTÓRICO: A origem do denominativo vem do imaginário popular. Conta-se que, na região, havia um ribeirão famoso pela variedade e quantidade de peixes, alimento básico das famílias. Eram muitos os pescadores. Por serem peixes de bom tamanho, os que ali eram convidados a pescar precisavam de muita ‘tralha’, pois os peixes ‘grandes e bons de briga’ ‘quebravam o anzol’ quando resistiam à pesca. O ribeirão do Quebra Anzol nasce na serra do Cigano e deságua no rio Grande, e, provavelmente é a esse ribeirão que se referiam os habitantes do lugar.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: A região do Quebra Anzol é a única que não tem divisão geográfica. Na região está localizada a Usina Hidrelétrica de Furnas, nas divisas dos municípios de São José da Barra e São João Batista do Glória.		
CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.		
FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas		
PESQUISADOR: Divenia	REVISOR: Dick	
DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007		

7.4.33 FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO : Zona rural – Região Morro do Glória

TOPÔNIMO: LAVAPÉS, córrego	TIPO DE ACIDENTE: AF	TAXIONOMIA: Ergotopônimo
-----------------------------------	--------------------------------	------------------------------------

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: t. composto (lavar os pés)

ENTRADA LEXICAL: Lavapés

ETIMOLOGIA: Lavapés [De lavar + pé] S. m. 2 n. 1. Cerimônia litúrgica, em quinta-feira santa, na qual se celebra o haver Jesus lavado os pés aos seus discípulos. 2. Bras. Últimos repiquetes que se produzem quando, em fins de abril e durante maio, se acentua a vazante nos rios da bacia amazônica. 3. Bras. V. formiga lavapé.

HISTÓRICO: O termo *Lavapés* refere-se a uma ação propriamente dita (de lavar os pés) e não faz referência ao acontecimento bíblico. Os moradores da zona rural, quando se dirigiam à sede do município para acontecimentos sociais ou festas religiosas, paravam, estrategicamente, junto ao córrego que passava junto à entrada da cidade para lavar os pés e colocar seus sapatos. O mesmo faziam quando iam embora, para aliviar os pés que não estavam acostumados ao aperto dos calçados.

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Há muitos anos – e por muito tempo na vida da comunidade gloriense foi assim – o calçado fino dos homens, para ocasiões festivas somente, era a botina. Não se usava mais nada, no máximo uma “precata”, espécie de chinelo feito com o couro que era tirado do gado ali na roça mesmo, e a parte pisante com uma sola mais grossa. Conta-se também que as regiões das Palmeiras e Esmeril sempre foram as mais populosas. E de lá vinham grande número de festeiros para a semana santa, os festejos juninos e natalinos [...] Já aproximada a zona urbana, na travessia de um córrego de águas vindas da cachoeirinha, no Morro do Glória, assentavam-se numa grande pedra que ali havia, lavavam os pés para tirar-lhes a poeira, e calçavam suas botinas, a fim de chegar e integrarem-se aos festejos a que vinham [...] (BARBOSA e SIMONE – Sistema Rodoviário Municipal – complementado – 2000)

CONTEXTO: pesquisamos a obra e entrevistamos os autores do livro Sistema Rodoviário Municipal Complementado, Valdir Barbosa e Zoroastro de Simone.

FONTE: Sistema Rodoviário Municipal Complementado + entrevistas

PESQUISADOR: Divenia

REVISOR: Dick

DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: dez/2006 – Entrevistas: janeiro e julho/2007

7.5 LEI MUNICIPAL Nº. 1000, DE 1º. DE JUNHO DE 2000

Dispõe sobre a divisão da zona rural do Município de São João Batista do Glória e dá outras providências.

O Chefe do Poder Executivo, no uso de suas atribuições, conferidas pelo artigo 71, incisos IV, XXXIII e XL, da Lei Orgânica Municipal, propôs, e a Câmara Municipal aprovou a seguinte lei

:

CAPÍTULO I

Disposições preliminares

Artigo 1º. – A zona rural de São João Batista do Glória, assim entendida a área do município extraída a sede municipal, é a que consta da presente lei e dentro dos limites estabelecidos pela lei estadual no. 336, de 28 de dezembro de 1948, que dentre outros vários, emancipou política e administrativamente o então distrito de São João Batista do Glória, com alterações posteriores.

Parágrafo único – Relativamente à confrontação intermunicipal rezada na legislação emancipatória, no que tange a confrontantes, até a presente data são as seguintes as modificações:

Lei nº. 1.039, de 12-12-1953, que emancipou o distrito de Vargem Bonita;

Lei nº. 12.030, de 21-12-1992, que emancipou o distrito de São José da Barra.

Artigo 2º. De acordo com a lei estadual pela qual foi emancipado São João Batista do Glória, com as devidas atualizações de distritos confinantes e posteriormente emancipados, e por disposições do IGA – Instituto de Geociências Aplicadas, órgão da Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia de Minas Gerais incumbido, que tem competência para zelar pelas linhas limítrofes das subdivisões territoriais do Estado nos municípios que o compõem, São João Batista do Glória, com seus 548,77 km² (quinhentos e quarenta e oito quilômetros e setenta e sete hectares) de área territorial oficial, tem seus limites externos, partindo do norte e numa linha de 360º. (trezentos e sessenta graus) em sentido horário, com o

município de São Roque de Minas ao norte, com o município de Vargem Bonita a nordeste, com o município de Capitólio a leste, de São José da Barra ao sudoeste, de Alpinópolis ao sul, com o município de Passos ao sul e sudoeste e com o município de Delfinópolis a oeste.

[...]

CAPÍTULO III

Da subdivisão da zona rural

Artigo 4º. – Desde antes de sua emancipação político-administrativa, ainda que não oficializado por ato normativo, São João Batista do Glória já tinha seu território rural subdividido em regiões, por via de transmissão oral de geração em geração. Embora oficiosamente, as nomeações de regiões sempre foram uma constante em atos transmissivos e registratórios de direitos reais e em documentos públicos, desde os de nível municipal até aos de nível federal. Especialmente para ratificar essa transmissão de informações através de gerações é que esta lei vem oficializar as nomeações de cada região da zona rural do município.

Artigo 5º. – Ao todo, os tratamentos conhecidos e difundidos verbalmente são em número de 32 (trinta e dois). Como o número razoável dos lugares tem tamanho reduzido, não cabendo a todos, portanto, ser tratado por uma região propriamente dita, por fidelidade ao tratamento secular de cada uma, assim fica determinada a subdivisão:

I – Consideradas principais, em número de 9 (nove), são as regiões;

II – Consideradas secundárias, em número de 23 (vinte e três), são as microrregiões, distribuídas por integração às regiões, conforme a tradição.

Parágrafo único – À exceção da região do Quebra Anzol, de área menos atraente para o cultivo, que não tem subdivisão territorial, todas as outras têm na sua subdivisão, uma microrregião com seu próprio nome, do que resulta o somatório constante do caput do presente artigo.

Artigo 6º. – As nove regiões são as seguintes, dispostas por ordem alfabética:

1- BREJO;

2- CAMBAÚBAS;

3- CANTEIROS;

- 4- CAPETINGA;
- 5- ESMERIL;
- 6- FUMAL;
- 7- MORRO DO GLÓRIA;
- 8- PALMEIRAS; e
- 9- QUEBRA ANZOL.

Parágrafo único – De per si, as 8 (oito) regiões que têm subdivisão microrregional, são assim dispostas por ordem alfabética, exceção da microrregião com o mesmo nome da região que vem em primeiro lugar, quando o caso:

1- BREJO:

- 1.1 - Brejo;
- 1.2 – Fazenda Velha;
- 1.3 – Morro Grande; e
- 1.4 – Praia Vermelha.

2- CAMBAÚBAS:

- 2.1 – Cambaúbas;
- 2.2 – Escuta; e
- 2.3 – Lagoa.

3- CANTEIROS:

- 3.1 – Canteiros;
- 3.2 – Quilombo; e
- 3.3 – Retiro da Prata.

4- CAPETINGA:

- 4.1 – Capetinga;
- 4.2 – Jaraguá; e
- 4.3 – Mata dos Goularts.

5- ESMERIL:

- 5.1 – Esmeril;
- 5.2 – Cafundó; e
- 5.3 – Lambari.

6- FUMAL:

- 6.1 – Fumal;

6.2 – Fumalzinho; e

6.3 – Talhados.

7- MORRO DO GLÓRIA:

7.1 – Morro do Glória;

7.2 – Campo do Caju;

7.3 – Carrapichos;

7.4 – Porto do Glória;

7.5 – Porto Velho; e

7.6 – Três Mata-burros.

8 – PALMEIRAS:

8.1 – Palmeiras;

8.2 – Capão Grande;

8.3 – Letreiro;

8.4 – Ponte Alta;

8.5 – Ruinha; e

8.6 – Taboas.

Artigo 7º. – O traçado das linhas divisórias das regiões e microrregiões, ora oficializado pela presente lei, foi considerado primordialmente em cursos d'água, secundariamente em estradas de rodagem, e só em último caso, em divisas de propriedades; ainda que em algum dos pontos das linhas de divisa tenha havido alteração no traçado tradicionalmente conhecido.

§ 1º. – As linhas divisórias foram consideradas no eixo (centro) do curso d'água ou da estrada demarcatórios. Implicando essa condição que, na divisa entre duas regiões, nas linhas divisórias, de um lado, seja do curso d'água seja da estrada, é uma região; do outro lado é outra região.

[...]

Artigo 14 – Revogando-se disposições em contrário, esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de São João Batista do Glória, em 01 de junho do ano de 2000, 51º. Da emancipação político-administrativa.

(a) José Heitor de Oliveira

Prefeito Municipal

(a) Jean Martins

Diretor do Departamento de Administração

(a) Rosângela de Oliveira Vilela Nascimento

Diretora do Departamento de Infra-estrutura

7.6 MAPA DO MUNICÍPIO

7.7 GLOSSÁRIO

A campanha contra os quilombos - conjunto de ações promovidas pelos governantes da época, em conjunto com os proprietários de terras, senhores de escravos e outros interessados, utilizando milícias formadas por capitães do mato e mestres de campo, para localizar, combater e destruir os quilombos.

A cidade aos nossos pés – a cidade vista de cima

Abertura de picadas – abertura de atalhos ou caminhos estreitos, no mato, a golpes de facão.

Acometido de grave doença – atacado por doença; doença manifestada no indivíduo.

Alimpar os sertões dos Caiapós – da mesma forma como ocorreu a campanha contra os quilombos, anos antes, ações semelhantes aconteceram visando exterminar ou expulsar os índios daquela região. Consta que havia muitos conflitos entre os índios Caiapós e os aventureiros (bandeirantes e seus bandos, capitães-do-mato e seus capangas). Os índios não tinham armas para competir com as espingardas, escopetas e espadas dos bandeirantes e dos capitães-do-mato. Muitos fugiram, outros foram contaminados por doenças dos brancos, muitas mulheres foram “pegas no laço” e levadas pelos aventureiros. Chamavam a essas perseguições e mortandades de “alimpar os sertões”. Em pouco tempo, os índios foram sendo derrotados e mortos e diziam em São Paulo que tinham “alimpado os sertões dos Caiapós”.

Aportaram por lá – chegaram ao lugar.

Arraial – aldeola, lugarejo.

Arte rupestre – desenhos, pinturas, grafismos, feitos em cavernas e rochas, pelos homens primitivos.

Bairro rural – pequeno povoado ou arraial; cada uma das partes em que se divide a zona rural de um município para facilitar a orientação das pessoas e o controle da administração pública (significado retirado do conceito de bairro urbano).

Berço do Velho Chico – lugar onde nasce o rio São Francisco (serra da Canastra/MG).

Blitz – batida policial de improviso; termo utilizado atualmente para designar qualquer “parada obrigatória” com objetivo de coagir, esclarecer, orientar.

Cafundó – (de possível origem africana) – lugar ermo ou afastado, de difícil acesso, normalmente entre montanhas.

Caiapós – tribo indígena da família lingüística Jê. Os Caiapós do sul viviam no sertão entre as cabeceiras do rio Araguaia e a bacia superior do rio Paraná; e os do norte, vivem na região situada entre o rio Araguaia e o rio Xingu, ao norte do rio Tapirapé.

Canastra - caixa revestida de couro na qual se guardam roupas brancas e outros objetos.

Capatazes – chefes de grupos de trabalhadores braçais; administradores de fazendas.

Capitães do mato – indivíduos que se dedicavam à captura de escravos fugidos.

Colônia de agregados – (colônia agrícola) – povoação campestre de colonos lavradores pobres, estabelecidos em terra alheia e que vivam prestando serviços para os donos da terra.

Cumprimento de uma promessa – efeito de cumprir o que foi determinado ou a que nos obrigamos perante nós mesmos, voto, juramento, oferta, dádiva.

Curato – povoação pastoreada por um cura (vigário de aldeia ou povoação).

Donatária – senhora de uma donataria (Capitania Hereditária do Brasil Colônia).

Em meados de – chegando ao meio, ou próximo ao meio, de um século, ano, década; por volta da metade do século, década, ano).

Encravado – encaixado, embutido, engastado.

Escritos de Deus – representação gráfica de mensagem vinda de Deus.

Esfoladas – escoriadas, arranhadas, ‘sem pele’.

Estâncias – lugar onde se está ou se permanece por algum tempo; recinto, paragem.

Faiscar – procurar faíscas de ouro ou procurar diamantes em terras já lavradas anteriormente.

Faisqueiras – lugar onde se acham faíscas. (*faíscas* – partículas, palhetas de ouro que se perde nas minas).

Faziam paradas – ficavam por um período de descanso.

Garimpar – exercer o ofício de garimpeiro, minerar, catar metais e pedras preciosas.

Hábito costumeiro – aquilo que se faz sempre, repetição freqüente, costume.

Idas e vindas – movimento de ir e vir em determinado lugar; jornada.

Invernada – pastagens rodeadas de obstáculos naturais ou artificiais, onde se prendem cavaleiros, mulares e bovinos, para repousarem e recobrem as forças.

Jaguamimoaba – jaguar (tupi guarani – *ya’wara* – da família dos felinos)...

Jeticahy – (tupi *ye’tika* – batata-doce)...

Lá pelos idos (de 1820) – que foi ou se foi, passado.

Letreiro - “[De letra + -eiro] *S. m.* 1. inscrição em tabuleta com qualquer tipo de informação; 2. V. legenda; 3. *Cin.* Legenda; 4. *Bras.* no interior do país, designação comum às inscrições mais ou menos curiosas, descobertas em rochas, pinturas, pedras lavradas, pedras riscadas, pedras pintadas ou itaquatiaras”. No texto, sítio arqueológico e microrregião denominada Letreiro.

Mandos e desmandos dos coronéis – exercícios de poder dos ‘coronéis’ (homens que detinham o poder) mandando, desmandando, dando ordens, exercendo autoridade e comando em certa região.

Mata-burro – ponte de traves espaçadas destinada a vedar o trânsito de animais.

Mestres de campo – oficiais que detinham o posto de mestre de campo (cargo militar antigo).

Microrregião - (De micr(o) + região) S.f. Geog. Subdivisão de uma região natural

Milícias – congregação ou agrupamento militante; tropas auxiliares de segunda linha.

Mirante – ponto elevado de onde se descobre largo horizonte.

Mutirão – auxílio gratuito que prestam uns aos outros os lavradores, reunindo-se todos de uma redondeza e realizando trabalhos em proveito de um só, que arca com as despesas de uma festa ou função.

Nos confins dos sertões – extremo longínquo, fronteira, de uma região agreste distante.

O caminho do Desemboque* – a direção da embocadura de um rio, canal, saída de um lugar relativamente estreito para outro mais largo. (* Desemboque tornou-se nome de uma localidade).

O favor da cura – receber ajuda do santo para ser curado (conotação religiosa).

O município dista – o município está distante...

O reino – a coroa portuguesa.

O rio mais genuinamente brasileiro – o rio brasileiro mais autêntico, legítimo, puro rio São Francisco.

Os antigos – os homens do passado.

Os lá da Fazenda Palmeiras – aquelas pessoas que vieram da Fazenda Palmeiras.

Paradas ou pousos – locais onde se para, estâncias, paragens; lugares onde alguém pousa ou descansa.

Paragem amena e agradável – lugar onde se para, parada, estância, que agrada, que é aprazível.

Paróquia – divisão territorial de uma diocese sobre a qual tem jurisdição ordinária um sacerdote ou pároco; (Bras.) cidade, localidade, bairro.

Patrimônio do santo – bens, dotes, riquezas, pertencentes ao santo ou ordem religiosa.

Pegas no laço – no texto, diz-se das índias que foram agarradas, presas, de forma bronca, pouco inteligente, pelos homens dos bandos que invadiam os sertões.

Pelo sertão adentro – pelo interior do sertão.

Picada de Goiás – atalho estreito, aberto no mato a golpes de facão, que seguia em direção ao sertão de Goiás.

Picadas - atalhos estreitos, abertos no mato a golpes de facão.

Pousadas – hospedagens, alojamentos, hospedarias, albergues; lugares que servem de pouso por uma noite.

Povoado – pequena aglomeração urbana, lugarejo, vila, aldeia.

Quebra cangalha – ato de fragmentar ou despedaçar a cangalha (*cangalha*: peça de três paus unidos em triângulo que se enfia no pescoço dos porcos para não destruírem hortas cultivadas); no texto, denominação da serra de Quebra Cangalha.

Quilombo – (Afr. Kilombo – capital, povoação, união). S.m. Bras. Refúgio, abrigo de escravos fugidos.

Região – (Do lat regione) S.f. Grande extensão de terreno. Território que se distingue dos demais por possuir características (clima, produção, etc.) próprias. [...] **Região fisiográfica.** Geog. Região que se distingue de outras segundo critérios geográficos (físicos, humanos, econômicos) formando um conjunto coerente e original.

Retiro – lugar solitário deserto; lugar de descanso ou recolhimento; lugar onde o gado fica durante certa parte do ano.

Roça – terreno de pequena lavoura (em especial mandioca, milho, feijão); a zona rural, o campo. (MG) Atualmente, *roça* é qualquer lugar fora da cidade.

Rurícolas – que vivem no campo, camponeses, agricultores, lavradores.

Sertão - região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas; interior pouco povoado.

Sertão de Piumhi – região agreste da localidade conhecida como Piumhi (Pium – do tupi *pi'u* – que come a pele, borrachudo).

Sertões afora – por toda a extensão dos sertões.

Sertões de Goiás - região agreste da localidade conhecida como Goiás.

Sesmaria (do sítio da Glória) - lote de terra inculto ou abandonado que o rei de Portugal cedia a sesmeiros que se dispunham a cultivá-lo.

Silvícolas – que nascem ou vivem nas selvas, selvagens (no texto, os indígenas).

Sítios – fazendolas, moradias rurais ou chácaras nas imediações da cidade; estabelecimentos agrícolas de pequena lavoura.

Sustentabilidade – qualidade de sustentável, do que se pode sustentar; (dentre os vários significados, sustentar quer dizer conservar, manter, impedir a ruína ou a queda, amparar, proteger, favorecer, auxiliar, defender com argumentos, com razões). O termo *sustentabilidade*, nos dias de hoje, refere-se, às questões do desenvolvimento sustentável, ou seja, um desenvolvimento possível, que não provoque a ruína, o desequilíbrio, principalmente, dos recursos ambientais.

Tapera – (do tupi *ta'pera* – aldeia extinta). Habitação ou aldeia abandonada; casa arruinada; fazenda abandonada ou em ruínas.

Trilhas – veredas, sendas, trilhos.

Ubirajaras – (do tupi *ibi'yara* – senhor da terra). Tribo que, no tempo do descobrimento do Brasil, existia nas proximidades das nascentes do rio São Francisco.

Vão (da Babilônia) - sertão alto, descampado, no local denominado Babilônia.